

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

**AS PONDERAÇÕES DA MAFALDA SOBRE CIDADANIA E
DEMOCRACIA**

Marta Moraes Bitencourt

Orientadora: Prof^a Dra. Jussara Reis Prá

Porto Alegre

2009

Marta Moraes Bitencourt

**AS PONDERAÇÕES DA MAFALDA SOBRE CIDADANIA E
DEMOCRACIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, do Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientadora: Prof^a Dra. Jussara Reis Prá

Porto Alegre

2009

**MÍDIA E OPINIÃO PÚBLICA. PONDERAÇÕES SOBRE CIDADANIA E
DEMOCRACIA PELA LEITURA DAS TIRAS DA MAFALDA**

Marta Moraes Bitencourt

Orientadora: Prof^a Dra. Jussara Reis Prá

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Formaram parte da banca:

Dr. Hemerson Luiz Pase – Universidade Federal de Pelotas

Dr. Marcelo Kunrath Silva - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dra. Maria Izabel Noll – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A minha mãe Iná Fernandes Moraes (in memoriam), a meu pai Enio Rodrigues Moraes, ao meu amado esposo Carlos Fernando da Silva Bitencourt e ao meu filho querido Artur Moraes Bitencourt.

Agradecimentos

Aos meus pais.

Ao meu amado Fernando.

Ao meu filho Artur.

A minha sábia e queridíssima orientadora Jussara Reis Prá.

Aos parentes que deixei de conviver neste período (minha irmã Júlia, meu irmão Leandro, meus filhados: Marcelo, Gerusa, Nicholas e Beno, minha tia Vilma e meu tio Egon, meus sogros José e Isolda).

A minha tia Tide, que me ensinou muitas coisas boas sobre ser humano.

Aos meus queridíssimos eternos amigos Tânia Olson Porto e Bruno Elicker pessoas a quem devo muito carinho e amor.

A Ana Maria Chiapinotto que é um exemplo de profissional e ser humano.

Aos professores do PPG em Ciência Política por todo aprendizado e carinho.

Aos colegas do PPG em Ciência Política.

A professora Maria Izabel Noll que acreditou em mim.

A todos o meu carinho e muito obrigada!

*Em momentos de crise, surge sempre uma voz
que revela o que os atores políticos escondem,
velados na severa fisionomia da ação.*

Raimundo Faoro

RESUMO

O trabalho focaliza as ponderações sobre cidadania e democracia contidas no objeto de estudo: as tiras cômicas da Turma da Mafalda, criadas por Quino. As tiras cômicas como mídia que produz e é produzida pela opinião pública extemporaneamente. O objetivo central é capturar o que as tiras cômicas dizem sobre o consciente coletivo do cidadão e examinar como o criador pensa o imaginário político e o socializa. Mais especificamente, objetiva-se: identificar o teor político implícito nas tiras cômicas da Mafalda; mapear o que as tiras estão reproduzindo de imaginário social representativo de um segmento desta sociedade e apontar que sentimentos transparecem sobre o governo, a humanidade, as políticas públicas, sua condição enquanto cidadão. Registrar, através de uma análise fundamentada na ciência política e em áreas afins, as contribuições políticas das tiras cômicas e suas mensagens a respeito dos enunciados de cidadania e democracia. Objetiva-se, ademais, evidenciar outra fonte de conhecimento político para além das abordagens que privilegiam as questões de ordem institucional e sociológico-estrutural. A pesquisa é de natureza qualitativa com fins exploratórios e orienta-se pela técnica de análise de conteúdo. Os resultados do estudo demonstram que o cenário de representação política, inscrito nos conteúdos das mensagens das tiras cômicas da Turma da Mafalda, apontam sugestões de mudança política via alteração de valores sociais e da cultura política. Este mesmo cenário sugere a institucionalização de outras práticas a serem seguidas pelas instituições políticas.

Palavras-chave: Opinião Pública. Mídia. Cultura Política. Cenário de Representação Política. Cidadania. Democracia.

ABSTRACT

The work focuses the balances on citizenship and democracy in the study subject: the Mafalda comics strips created by Quino. The comic strips as media that produces and is produced by the public opinion spontaneously. The main objective is to capture what the comic strips says on collective conscientious of the citizen and to investigate how the creator think about the politician imaginary and socializes it. The specifics objectives: to identify the implicit politician substance in the comic strips of the Mafalda; to map what the strips are reproducing of imaginary social representative of a segment of this society and pointing that feelings that growing up on the government, the humanity, the public politics, its condition while citizen. To bring up the contributions of the comic strips to the construction process of the citizenship and democracy. Objective, furthermore, to evidence another source of knowledge politician it stops beyond the boarding that privilege the questions of institutional and sociological-structural order. The research is of qualitative nature with exploratory ends and is oriented for the technique of content analysis. The results of the study demonstrate that the scene of politics representation, enrolled in the contents of the messages of the comic strips of the Group of the Mafalda, points suggestions of politics changes through alteration of social values and the culture politics. This exactly scene suggests the institutionalization of others practical to be followed for the institutions politics.

Keywords: Public Opinion. Media. Political Culture. Political Representation Scenery. Citizenship. Democracy.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	10
1 INTRODUÇÃO	11
PARTE 1 – DO OBJETO.....	17
2 AS TIRAS E SEU ENQUADRAMENTO TEÓRICO	18
2.1 DIFERENÇAS ENTRE CARTUNS, TIRAS CÔMICAS E CHARGES NA MÍDIA	18
2.2 OPINIÃO PÚBLICA	25
2.3 CENÁRIO DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA.....	29
2.3.1 Da Cultura Política	33
PARTE 2 – DAS PONDERAÇÕES	37
3 A LEITURA DAS TIRAS CÔMICAS.....	38
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
3.1.1 Fases da Análise de Conteúdo	41
3.2 OPINIÃO PÚBLICA E CENÁRIOS DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA PELA LEITURA DE QUINO	42
3.2.1 Quino e Mafalda.....	44
3.2.2 Mafalda no Contexto de 1964 a 1973.....	46
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	78
4.1 CONSCIENTE COLETIVO E OPINIÃO PÚBLICA	78
4.2 SOCIALIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO POLÍTICO CRIADOR DE CULTURA POLÍTICA	80
4.3 PONDERAÇÕES SOBRE CIDADANIA E DEMOCRACIA PELAS TIRAS DA MAFALDA.....	81
5 CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Charge sobre a legalização do voto feminino.....	31
Figura 2: Mafalda inconformada com a alienação.....	50
Figura 3: Mafalda e a sociedade de consumo.....	55
Figura 4: Mafalda e o 'Estado' das coisas.....	57
Figura 5: Mafalda contra injustiças sociais.....	59
Figura 6: Mafalda e a definição de democracia.....	60
Figura 7: Mafalda e o uso da força.....	62
Figura 8: Mafalda e o cenário social.....	66
Figura 9: Reflexões sobre o ato de governar.....	69
Figura 10: Soluções simples e difíceis.....	75
Figura 11: Criações da humanidade.....	77
Figura 12: Cenário de representação política na mídia.....	81
Figura 13: Mafalda e um mundo melhor.....	95

1 INTRODUÇÃO

A história do regime democrático em países da América Latina demonstra que estas sociedades vêm se desenvolvendo politicamente de forma positiva e favorecendo a participação popular via sufrágio universal, em eleições de representantes ou em consultas por plebiscitos e referendos. Entretanto, esta mesma democracia ainda não solucionou problemas relacionados à expansão da cidadania ou relativos à desigualdade social, tampouco reorganizou a população para uma participação política efetiva.

O afastamento do cidadão da política é fenômeno antigo e atual na literatura da Ciência Política e não se tem bem ao certo que motivos levam a sua existência. Realidade diferente da observada no desenvolvimento da democracia ateniense, na Grécia Antiga, onde é clara a junção dos interesses públicos e privados e onde ser cidadão, pertencer à polis, significava participar da coisa pública ou da construção do bem-comum.¹

Hoje tal visão não é recorrente, pelo contrário, geralmente a política é associada à falta de ética, à corrupção e à defesa de interesses particulares por parte de representantes eleitos para defender interesses públicos. Em Castoriadis² vê-se a ênfase na necessidade de reapropriação do modelo grego de definição de democracia para pensar a sua atualidade e poder inferir sobre os novos modelos por ela vivenciados.

Refletir sobre democracia e cidadania comporta distintas possibilidades de estudos e pesquisas no âmbito da Ciência Política. As acepções supracitadas podem ser examinadas tanto nas perspectivas de ordem institucional como cultural. Na primeira, a abordagem envolve partidos políticos, governo, representantes eleitos e a estrutura formal-legal do Estado. Já as de ordem propriamente cultural, abarcam o que pensa o cidadão comum, seu comportamento, sua opinião e as limitações participativas que o Estado lhe imputa. Sendo assim, a última visão tem o potencial de contribuir com sugestões de alternativas institucionais ao processo político democrático, visando maior igualdade no atendimento aos interesses do bem-comum.

¹ HELD (1992).

² CASTORIADIS (2005).

Sob a ótica que circunscreve estudos sobre comportamento, opinião pública e cultura política, aciona-se, para fins de estudo, a abordagem que compreende e abarca aspectos político-culturais. Deste ponto de vista, a presente dissertação se enquadra no campo disciplinar da ciência política, enfocando, como principal aspecto da intersecção acima esboçada, a “opinião pública” e alguns de seus cenários de representação política. A avaliação se volta, precisamente, a um conjunto de idéias e imagens no que concerne à relação política e mídia impressa. O material empírico a que se faz referência são as tiras cômicas de Joaquim Salvador Lavado, A Mafalda. Tiras veiculadas em meios impressos de comunicação na vizinha Argentina, de 1964 a 1973.³ Tal periodização, entretanto, não restringe o presente trabalho a tempos históricos ou espaços geográficos uma vez que a Turma da Mafalda tornou-se atemporal. Ela criou um código cultural de identificação e é atemporal porque continua atual na sua crítica. Ademais, não extrapola apenas o tempo, mas o espaço geográfico na medida em que ainda hoje é consumida significativamente em vários países. Nesse sentido, o presente estudo pretende focalizar o cunho político e a identidade cultural apontadas ali.

As mensagens das tiras cômicas são percebidas como fruto de posturas críticas e propositivas que representam alguns segmentos sociais não tão privilegiados economicamente. O propósito do estudo é examinar questões referentes ao cotidiano do cidadão comum e como estas são conectadas a ações de governo, à cidadania e à democracia. Busca-se apontar que críticas o cartunista argentino apresenta a respeito deste cotidiano, como ele mostra as limitações econômicas, sociais, políticas e participativas do cidadão. Limitações que são frutos da política institucional onde o cidadão está inserido, somadas às amarras de seu cotidiano. Busca-se apreender, através das leituras de realidade inscrita nas tiras elaboradas pelo ilustrador (Quino), como a ordem civil pondera sobre cidadania e democracia. Ponderações no sentido mais amplo da palavra, ou seja, o que o ilustrador da política observa, percebe, reflete e avalia, a ponto de traçar considerações que podem ser tidas como significativas e legitimadas socialmente de forma atemporal e a-espacial.

³ A delimitação temporal e geográfica adotada no estudo não exclui a lembrança das produções de Caruso, em “Avenida Brasil”, Maurício Ricardo com “charges.com.br”, Henfil com “O Pasquim”, e outros nomes que tiveram suas tiras e charges em coletâneas comercializadas atemporalmente no Brasil e em vários países.

Nesses termos, há uma interferência significativa a ser examinada: por um lado, se tem que as tiras cômicas refletem o imaginário social, porque são uma expressão da realidade e, por outro, que o mesmo imaginário social se vê refletido e contemplado nestas tiras cômicas uma vez que essas publicações são consumidas expressivamente e isto pode ser visto, nesta dissertação, como uma forma de legitimação de cultura política. Derivam daí os objetivos do estudo.

De forma central, objetiva-se capturar o que as tiras cômicas expressam sobre o consciente coletivo do cidadão e examinar como o ilustrador da política, Quino, pensa o imaginário político e o socializa. Especificamente, objetiva-se: identificar o teor político implícito e explícito nas tiras cômicas da Mafalda; mapear o que as tiras estão reproduzindo do imaginário social representativo de um segmento social e apontar que sentimentos transparecem sobre governo, humanidade, políticas públicas e democracia. Objetiva-se, ademais, apontar as percepções e/ou ponderações de cidadania e democracia e o que pode haver de sugestões políticas ali, a fim de identificar e apreender as contribuições das tiras cômicas ao processo de construção da cidadania e da democracia. Enfim, desta forma, pretende-se destacar outra fonte de conhecimento político para além das abordagens que privilegiam questões de ordem unicamente institucional.

O tipo de mídia que este trabalho pretende analisar não é objeto de estudo comum à Ciência Política. Daí o interesse em não focar esta mídia como mero instrumento de informação, mas como potencial capaz de captar a cultura política e, também, como instrumento que constrói opinião pública, estimulando ações, visões de mundo e costumes. As tiras cômicas da Mafalda reúnem uma visão crítica de um conjunto de cidadãos, configurando sua condição econômica, política, social e cultural. Constituem, ademais, expressão política significativa uma vez que questionam a postura do Estado e da cidadania e encontram ressonância na legitimidade que lhe é conferida pela sociedade, haja vista serem objeto de consumo expressivo, como será tratado adiante. Com efeito, as tiras podem ser tidas como uma das possibilidades de captação do imaginário coletivo, que aportam outros olhares ou alternativas às instituições políticas formais na construção de cidadania e democracia. Por tudo isto, considera-se o objeto de estudo apontado um elemento importante para a construção de conhecimento na área da Ciência Política.

Para fins desta dissertação entende-se a relevância de investigar a mídia através das tiras cômicas pela possibilidade de fazer uma releitura da realidade política e de apreender a representação e a expressão de segmentos sociais que não se fazem normalmente presentes em artigos de jornais e revistas, nem tampouco produzem trechos escritos de sua história. A mídia em estudo, então, é considerada formadora e expressão da opinião pública. Nesse sentido, estima-se contribuir para estudos sobre democracia e cidadania com um novo olhar, quer dizer, pelo exame das tiras da “Turma da Mafalda”. Desta feita, com o foco específico na relação entre mídia e opinião pública expressa ali, pois, como advoga Paulo Caruso, “o humor irreverente da charge política comenta e ajuda a compreender os fatos do cotidiano.”⁴ Aspecto este ratificado por Umberto Eco⁵ quando fala que as histórias em quadrinhos atingem um certo grau de qualidade, que elas assumem a função de questionadoras dos costumes e passam a dar pistas de alternativas de mudanças sociais. Isto se torna mais relevante quando se trata de personagens que merecem respeito pela característica de realidade que carregam como a Mafalda, na referência do mesmo autor. Associado a isso, encontram-se situações nas quais é possível ler o que é veiculado pela mídia tanto como instrumento de socialização política, quanto reflexo dos padrões desta socialização.

Visando desvendar conteúdos e significados desta fonte de conhecimento, optou-se por desenvolver o estudo proposto estabelecendo um diálogo sobre opinião pública para, então, trazer ao debate os aportes da Ciência Política. A partir deles, destaca-se o conceito de cenários de representação política para analisar o conteúdo de tiras cômicas. Tiras referenciadas como portadoras de elementos de natureza irônica, humorística e, ao mesmo tempo, política. Dessa forma, pretende-se suscitar a reflexão sobre como pode ser feita a leitura desse material e avaliar os seus desdobramentos políticos.

A pesquisa é de natureza qualitativa e, quanto aos fins, de caráter exploratório posto visar a obtenção de um quadro geral do assunto e levantar questões voltadas a possibilitar ou estimular a elaboração de estudos mais aprofundados sobre o tema⁶. Quanto aos meios de pesquisa, optou-se pela técnica da análise de conteúdo. A fim de operacionalizar os conceitos utilizados para a observação empírica do material

⁴ CARUSO (1997).

⁵ LAVADO. (1997, p. XVI, prefácio).

⁶ TRIVIÑOS (1992).

selecionado, ou seja, para dotá-lo de uma “dimensão operativa” como coloca Sartori (2001), algumas ações serão necessárias para realizar a verificação: uma delas é identificar as forças conjunturais e igualmente atemporais das tiras cômicas – seus contextos; a outra se direciona ao conteúdo das mensagens e aos elementos constitutivos expressos nas tiras cômicas – as representações.

Para tanto, a idéia aqui defendida é a de que os diálogos presentes em tiras cômicas, no geral, são utilizados para denúncias e críticas nem sempre explícitas. O enunciador, ao interagir com vários locutores ou permitir uma influência recíproca, deflagra manifestações de um tipo de humor cujas entrelinhas atualizam representações da realidade política e valores característicos de determinada cultura. Diante do exposto, objetiva-se desenvolver neste estudo uma análise de cunho político acerca de tiras cômicas, pois, acredita-se que por meio deste tipo de material de pesquisa é possível identificar sentidos e significados da representação da política contemporânea.

O trabalho é composto de duas grandes partes além desta introdução, voltada à contextualização do tema, à delimitação do problema e à definição dos objetivos de pesquisa. Na primeira, destinada ao enquadramento teórico, busca-se apresentar e trabalhar os diferentes elementos e conceitos que serão analisados no decorrer da exposição, incluindo: uma breve apreciação acerca dos objetos deste estudo, iniciando pela mídia, a fim de traçar as diferenças entre cartuns, tiras, charges e destacar sua importância na mídia impressa; passando por uma discussão sobre o conceito de opinião pública como fundamento nas democracias e à sua expressão na mídia; e, chegando ao conceito de cenário de representação política e aos códigos (no caso específico aqui as tiras) que reproduzem cultura política e levam à socialização, trazendo mais ou menos democracia e cidadania. Conceitos estes que fundamentam a análise do material empírico.

Na segunda parte é elaborada a análise do material empírico. Inicialmente são descritos os procedimentos metodológicos pela explicitação do método e dos instrumentos utilizados para desenvolver a abordagem proposta. Ao mesmo tempo, é delimitado o contexto correspondente ao desenvolvimento da pesquisa e à sistematização do material analisado. Consoante à análise empírica, sua sequência é dedicada a construir os cenários de representação política que foram demarcados a partir da leitura das tiras cômicas. Concomitantemente, registram-se as tiras e os seus

conteúdos tendo em vista a sua vinculação aos elementos teórico-conceituais do estudo. Para tanto, são expostos e discutidos os resultados da investigação à luz dos objetivos do estudo e do referencial teórico proposto. Finalmente, são tecidas algumas considerações em relação à pesquisa e à análise dos dados, associando-se a leitura das tiras às ponderações sobre cidadania e democracia. Definida a estrutura do trabalho, a atenção agora se volta ao exame do referencial teórico do estudo, destacando-se a discussão sobre mídia, opinião pública, cultura política e acerca dos cenários de representação política criados na e pela mídia.

PARTE 1 – DO OBJETO

2 AS TIRAS E SEU ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Este capítulo trata do objeto de estudo, que é a mídia escrita, mais especificamente, as tiras cômicas, visando traçar definições e algumas diferenciações entre tiras e charges, além de outros elementos afins da mídia impressa. O seguimento do capítulo apresenta um apanhado teórico acerca dos conceitos de Opinião Pública e de Cenários de Representação Política, de forma a expor os aportes teóricos do estudo e os subsídios da análise empírica. Subjacentes a estes dois conceitos encontram-se as noções de Cultura Política e Socialização Política. Conceitos esses entendidos, no contexto desta dissertação, como categorias analíticas que abarcam outras dimensões e se somam a concepções de Democracia e Cidadania, ambas articuladas a partir da delimitação do tema de pesquisa e definidas no decorrer da exposição do texto, de acordo com a pertinência. Portanto, para fins deste estudo, os componentes desse conjunto conceitual encontram-se interligados e inter-relacionados. Consequentemente considera-se que um reforça o outro num processo de interação, embora nem sempre estejam abordados em conjunto na exposição.

2.1 DIFERENÇAS ENTRE CARTUNS, TIRAS CÔMICAS E CHARGES NA MÍDIA

A mídia aqui não será tratada como um conceito e sim como uma instituição que merece atenção no estudo da política. Mídia como formadora de cultura política pela opinião pública que concatena, reúne e configura. Ela é expressão da opinião pública de forma não institucionalizada, ao contrário do voto. Ela é um meio de comunicação muito observado e recorrente, por isso, significativa para estudo, no caso em questão a mídia é a escrita, mais precisamente as tiras cômicas da Mafalda.

Cartuns, tiras e charges são elementos constitutivos da mídia impressa e, desde o século XIX, vêm ganhando espaço e corpo em jornais e revistas pelo interesse que despertam no leitor. Com o surgimento destes gêneros característicos da mídia

impressa, notou-se que a tendência em consumir jornais ilustrados era maior que o consumo de jornais apenas escritos com linguagem verbal. Os seus conteúdos, concomitantemente, cômico, atual, crítico e revelador são os determinantes da atração e procura por parte dos leitores. São textos lúdicos que se aproximam entre si pelo humor, mas que se diferenciam na forma de produção. Podem estar produzidos desvinculados da mídia, mas não é o objetivo deste estudo avaliá-los isoladamente. Este tipo de mídia lúdica escrita pode vir no formato de cartum, charge ou tira cômica. Abaixo estão pontuadas suas definições.

O cartum ou *cartoon* é uma palavra de origem inglesa e que significa esboço ou estudo de situações mais corriqueiras do dia-a-dia da sociedade, não tem o cunho tão político da charge, apesar de ser confundido com ela. Outra característica que o diferencia da charge é o fato de não estar vinculado, necessariamente, ao noticiário corrente. Ele advém frequentemente de uma situação cotidiana.

Etimologicamente falando, a charge é uma palavra de origem francesa que significa carga, ou exagero, ou ataque violento de cavalaria. Tal denominação busca representar a forma burlesca como podem ser tratados os traços de personalidade ou características de algum acontecimento por este estilo de ilustração crítica. Ela é uma caricatura, uma ilustração satírica necessariamente atual e que envolve uma ou mais personagens. Surgiu no século XIX como crítica política a governos e até hoje tem muita aceitação entre leitores pela capacidade criativa e bem humorada de retratar acontecimentos vigentes com conteúdo irreverente e com severa crítica político-social.

Durante muito tempo, a charge foi considerada perigosa por governos por ter uma capacidade de comunicar melhor e com mais amplitude que um editorial de jornal, por exemplo. Além disso, é de fácil compreensão. Para entender uma charge, basta estar a par dos acontecimentos cotidianos. A expressão crítica do ilustrador de tiras fica clara em seu desenho não carecendo como pré-requisito erudição ou titulação. As charges possuem uma relação com o noticiário e se produzem numa ligação intertextual (imagem e texto; crítica e noticiário vigente). No Brasil, elas são essencialmente políticas e, não por acaso, ocupam páginas sobre política, páginas de opinião e/ou editoriais de jornais.

As tiras cômicas, que são o material de análise aqui, constituem-se na arte seqüencial em quadrinhos para jornais e revistas e caracterizam-se por criar personagens

fictícios em situações também fictícias, mas que visam questionar o cotidiano sócio-político. Assim como a charge, a tira tem uma linguagem que não exige pré-requisitos para a sua compreensão, basta apenas entender, viver ou estar inserido nos acontecimentos cotidianos. Ela reflete a cultura local, os comportamentos e a política.

Composta de textos curtos que caibam em formato retangular com um ou mais quadrinhos, a tira costuma apresentar um ou mais personagens, geralmente regulares, e que desenvolvem um diálogo com desfecho surpreendente. Sua estratégia textual visa provocar risos e há autores que dizem que ela é uma mistura das histórias em quadrinhos com a piada.

Os jornais nem sempre tiveram ilustrações, isto é uma novidade apresentada após os aperfeiçoamentos das técnicas e máquinas de impressão que ocorreram a partir do século XIX. Antes disto, o jornal tinha apenas a impressão de textos verbais. Segundo Azevedo⁷, a primeira gravura que ilustrou uma reportagem em jornal foi publicada em 1835, num jornal de Nova York. Este tipo de mídia impressa que utilizava não apenas o texto verbal exigia a tecnologia da litografia que permitia a impressão de figuras, gravuras e desenhos, ampliando o formato e a linguagem do jornal.

Evidentemente, a arte da criação de charges e caricaturas é anterior ao jornal com gravura e esta técnica de comunicação foi sendo acoplada por editores de jornais, como inovação tecnológica, e respaldada pela aceitação dos leitores. Os pioneiros nessa arte foram os norte-americanos que, em 1895, começaram a publicar no *New York World* o personagem *Yellow Kid* (O Menino Amarelo). Segundo Azevedo:

O camisolão amarelo vestido pela personagem de Outcault, mantendo a tradição das charges políticas, exibia frases panfletárias ou cômicas a cada quadrinho. Os amigos do *Kid* viviam em Hogan's Alley, típica favela nova-iorquina, e o comportamento tanto do menino quanto de sua turma era contra o *establishment*. O *Yellow Kid* tornou-se rapidamente a grande atração do jornal e com ele surgiram os quadrinhos como os conhecemos hoje, com personagens periódicas e seriadas; e surgiu, também, a “imprensa amarela”, também chamada “imprensa marrom”, para designar os jornais sensacionalistas.⁸

Na Europa, no Brasil e em outros países da América Latina as charges e caricaturas também passaram a compor a mídia impressa a partir do século XIX. No

⁷ AZEVEDO (2007).

⁸ Idem, p. 35 e 36.

Brasil, um dos pioneiros foi o Jornal *O Carcondão*, do estado de Pernambuco, no ano de 1831. Depois, jornais e revistas como *A Lanterna Mágica*, *A Marmota Fluminense* e outros foram aderindo a esta forma de comunicar encantando, provocando risos e leituras críticas a respeito da sociedade e sua política.

Dos gêneros cartuns, charges e tiras cômicas, os objetos de estudos aqui serão as tiras cômicas publicadas em jornais a fim de ver sua contribuição crítica, política e social sobre cidadania e democracia. Elas serão tomadas como outra fonte de conhecimento político. Relembrando, o valor da informação que esta pesquisa levanta está na exata medida do olhar bem humorado e descontraído dos criadores deste gênero de mídia impressa. Um olhar que desfoca, na sua linguagem sobre política, temas como cidadania e democracia, dos saberes constituídos na educação formal e da forma como o Estado entende e desenha sua arquitetura institucional. As tiras cômicas ponderam sobre política com foco no comportamento social, ou seja, com foco nas pessoas, nas relações sociais e nos estratos menos favorecidos da sociedade. Acredita-se que este olhar com ênfase no comportamento social pode facilmente enxergar ou traçar uma auto-crítica mais isenta dos saberes constituídos, e demonstrar cruamente as mazelas sofridas pelos segmentos sociais menos favorecidos. Malta assinala que Monteiro Lobato considera as caricaturas, um

gênero de primeira necessidade... indispensável ao fígado da civilização. A ironia, o chiste seriam plantas raras cabendo a cada povo desenvolver as suas peculiaridades e para isso estariam a postos os caricaturistas.⁹

Outro aspecto da obra de Lobato ressaltado por Malta que legitima a noção deste tipo de mídia como a representação da opinião pública é o que diz: “e em nada se estampa melhor a alma de uma nação, do que na obra de seus caricaturistas. Parece que o modo de pensar coletivo tem seu resumo nessa forma de riso.”¹⁰

As charges políticas, os cartuns e as tiras cômicas de jornais e revistas são um componente da mídia impressa e, em geral, trazem uma observação reflexiva e crítica sobre o cotidiano de uma sociedade, ou seja, dos seus costumes, das agruras dos processos econômicos e, como não poderia deixar de ser, das questões políticas. Trata-

⁹ LOBATO (*apud*, MALTA, 2007, p. 73).

¹⁰ *Idem*.

se da observação de um grupo de profissionais refinados com o saboroso dom de capturar o imaginário social e o registrar de forma humorada e capaz de gerar identificação. Gera identidade, pois, repassa sentimentos e emoções do cotidiano não distante do “cidadão comum” seja ele das camadas populares mais carentes ou da “classe média”¹¹ no Brasil.

Se forem pontuadas especificamente tiras como *A Mafalda*, produzidas na Argentina pelo autor Quino (Joaquim Salvador Lavado), e *As Cobras*, do autor brasileiro Luiz Fernando Veríssimo, pode-se observar que este tipo de mídia impressa tem expressado, ao longo do século XX e no século XXI, uma crítica intelectual à cultura política com base nas sociedades argentina e brasileira, mas não exclusivas a elas, pois retratam a realidade latino-americana. Dentro do escopo das observações até aqui desenvolvidas cabem as seguintes questões: Pode-se levantar o sentimento político do cidadão, com variáveis como: vergonha, orgulho, indiferença, descrédito em relação à política institucional, através deste veículo de comunicação? Ou então: O que as tiras cômicas têm a dizer sobre democracia e cidadania?

As expressivas tiragens e vendas das compilações das tiras cômicas publicadas em jornais e revistas apontam para uma ratificação da sociedade a esta expressão crítica significativa como demonstram os números:

O primeiro livro da Mafalda apareceu em 1966 e no total foram publicados 10 volumes. Daniel Divinky, da Ediciones De La Flor, disse que é difícil calcular a quantidade de exemplares que a Mafalda tem vendido na Argentina, mas estima que cada um dos 10 livros tenha vendido ao redor de dois milhões de cópias. Ele, porém, fornece números mais precisos em relação às compilações que lançou nos últimos anos: "Mafalda inédita", que inclui todas as tiras desenhadas por Quino, mas que jamais tinham sido publicadas, já vendeu, desde a sua aparição em 1988, 115.000 cópias. "Toda Mafalda", um pesado volume com mais de 600 páginas lançado em 1993 – com absolutamente todas as mafaldas, publicadas ou não, públicas ou privadas – já está em 55.000 casas e está por sair a sua quinta edição com mais 15.000 exemplares. Há também três livros da Mafalda com as vinhetas que aparecem em "Siete Días": "Al fin solos", "Y digo yo..." e "Adonde vamos a parar"...¹² No Japão, Mafalda é traduzida e

¹¹ Classe média é um conceito utilizado por Luís Fernando Veríssimo em suas entrevistas, fazendo referência aos personagens das tiras *As Aventuras da Família Brasil*.

¹² Disponível em: <http://www.quino.com.ar/portugues/quino_preguntas.htm>. Consultado em 15/03/2009.

ilustra um livro de 174 páginas que teve tiragem inicial de três mil exemplares.¹³

Ao lado disso, no Brasil, Luiz Fernando Veríssimo “consagrado como um dos maiores escritores brasileiros contemporâneos”¹⁴ vendeu até o ano de 2006, no conjunto de suas obras, “mais de 5 milhões de exemplares de seus livros”.¹⁵

A partir destas referências que apontam para um número expressivo de aquisições destas obras, reitera-se aqui ser este um material que merece análise. Ele captura o consciente coletivo e expõe de forma crítica e política o imaginário social, o que possibilita levantar que idéias civis de cidadania e democracia há de sugestões ali. Possibilita ainda transcrever que observações as tiras traçam acerca do cotidiano político e sócio-econômico de cidadãos, ontem e hoje, como fruto das ações políticas institucionais. Reiterando, tal contexto é aqui expandido uma vez que estas tiras têm se demonstrado atemporais e encontram ressonância em diferentes sociedades.

Nesse sentido, como advoga Teixeira, o humor irreverente expresso em elementos como cartuns ou charges exercem o papel de crítica política. Em suma, agem como “porta voz da sociedade, interpretando a notícia, expressando um ponto de vista, transformando o fato numa consciência sobre ele”.¹⁶ Portanto, é necessário considerar que a construção e leitura do texto, da imagem e da mensagem contidas em materiais dessa natureza se fazem por meio da troca de saberes entre criador e leitor. Quer dizer, seus símbolos e signos são passíveis de serem construídos e interpretados por partilharem do mesmo código cultural.

Pensando assim, as tiras cômicas podem contribuir como uma percepção da e de “classe média”, famílias refletidas na obra *A Mafalda* sobre as ações políticas institucionalizadas - ações de governo - e seus efeitos sociais. Elas podem ser tomadas como representativas destes segmentos sociais uma vez que vendem tanto. Desse prisma, como exposto inicialmente, o propósito do trabalho é levantar como as tiras da Mafalda (de Quino) retratam, em sua elaboração, ações de governo, a democracia e a cultura política; apontar que sentimentos transparecem sobre políticas públicas ou sobre a condição de cidadãos latino-americanos, assim como as sugestões trazidas ao processo

¹³Disponível em: <<http://www.mafalda.net/pt/interview.php>>. Consultado em 26/05/2009.

¹⁴ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Luis_Fernando_Verissimo>. Consultado em 12/02/2009.

¹⁵ Idem.

¹⁶ TEIXEIRA (2005, p. 79).

institucional pela demonstração de como a democracia circunscreve a participação da cidadania. Daí as tiras serem tidas como o retrato político de várias épocas, cujo significado não expressa apenas a visão do profissional criativo, mas a opinião pública de forma refinada, humorada e sempre crítica e questionadora.

Para contextualizar o objeto de estudo, pode-se entrar na seara das HQs – Histórias em Quadrinhos - e usar como referência o artigo *Cultura em Quadrinhos: reflexões sobre as Histórias em Quadrinhos na perspectiva dos estudos culturais* de Gêisa Fernandes D' Oliveira.¹⁷ Para ela, as histórias em quadrinhos, mesmo as infantis, não são inocentes em seu conteúdo e mensagem. Elas trazem um ponto de vista acurado da análise crítica da sociedade e possuem poder de persuasão sobre esta mesma sociedade quando os leitores escrevem para autores buscando interferir, criticar ou elogiar o comportamento de seus personagens preferidos ou interlocutores. Para isso, ela cita um livro conhecido, *Para ler o Pato Donald*, de Ariel Dorfman e Armand Mattelart, que tratou o tema HQs de forma crítica e política. A autora também cita o livro de Umberto Eco, *Apocalípticos e Integrados*, onde em um capítulo intitulado *O Mito do Superman* Eco discorre sobre a persuasão aos leitores como a autora acima citada.

Assim, os objetos de estudo expressam a opinião pública não institucionalizada da mídia nos seguintes cenários de representação política: a Turma da Mafalda, na Argentina de 1964 a 1973, num contexto mundial de Guerra Fria. Ressalta-se novamente que o estudo não pretende focar o espaço temporal da Argentina, mas trazer à tona as contribuições atemporais que este material produziu e produz. Nesse ponto, mostra-se oportuno expressar o entendimento do conceito de opinião pública.

¹⁷ OLIVEIRA (2004).

2.2 OPINIÃO PÚBLICA

Opinião pública é um conceito que atravessa um estudo necessariamente interdisciplinar e que se encontra entre as áreas de pesquisa da psicologia social e da ciência política. No que diz respeito à ciência política, que interessa aqui mais diretamente, ela estuda as origens e características da força da opinião pública que é, nas palavras de Augras,¹⁸ o fundamento de todas as democracias. É, pois, um conceito relevante para estudo e análise na área de Ciência Política. Segundo Augras, o conceito de Opinião Pública coletivamente significa o sentimento do povo, usando o conceito de público como “a população que assiste a algum acontecimento”¹⁹.

Historicamente, a Opinião Pública vem demonstrando sua estreita ligação com a política e cabe lembrar alguns aspectos da sua trajetória. Na pólis grega, ela é tida como deliberação dos cidadãos, expressa na *ágora* e orienta as ações de governo. Importante salientar que esta opinião na Grécia antiga não expressa toda a população uma vez que mulheres, escravos e jovens não eram cidadãos. No século V a. C., os demagogos tratavam com cortesia a opinião pública para efetivar, literalmente, a “condução do povo” (definição de demagogia); na Roma antiga, o Fórum substituiu o *ágora* e a *vox populi* dos cidadãos está restrita a uma parcela da população; na idade média, o *consensus omminium* (acordo de todos) que identificava o sistema de crenças e valores do homem medieval, expõe uma opinião unificada pela fé cristã. Qualquer opinião contrária às rígidas estruturas sociais, fundamentadas na religião, eram opiniões críticas, ou heresias, e que deviam ser severamente punidas a troco de abalarem estas estruturas; no renascimento, o direito a várias opiniões levará à derrota da Igreja Católica pela Reforma, ela marca o triunfo da opinião crítica. Na esfera política a opinião é um elemento fundamental que deve ser conquistado para obter e manter o poder de Estado, como se pode identificar nas frases abaixo:

Opinion! That did help me to crown [Opinião! Isto me ajudou a ter a coroa]”

(Richard IV)

¹⁸ AUGRAS (1970, p.11).

¹⁹ Idem, p.12.

É do povo que importa merecer o afeto, pois ele é o mais forte e o mais poderoso.
(Maquiavel)²⁰

Segundo Augras, “a opinião pública é, declaradamente, uma alavanca na mão do demagogo. Daí em diante, aparecerá sob um duplo aspecto: expressão genuína da vontade do povo e meio de manipulação desse povo.”²¹

Na revolução francesa, a opinião crítica sai do plano da reivindicação e passa a ser afirmação pelo movimento enciclopedista que visava trazer o esclarecimento e conscientizar as pessoas, contudo, era um movimento que não atingia uma maioria. Havia uma ode à opinião que os calendários republicanos colocavam ao lado da Festa da Razão a festa da opinião, entretanto, quanto mais se dizia que era a “opinião do povo, menos se votava”. A opinião era representativa de quem estava no poder na época, esta é a realidade. Rousseau coloca: “Quem tomar por tarefa dar leis a um povo, deve saber como dirigir as opiniões e, através delas, governar as paixões dos homens.” Declaração também professada por Maquiavel. A existência de fato de uma opinião pública pressupõe que haja uma sociedade civil organizada e que, mesmo independente do Estado, busque controlar as ações deste através de sua articulação pelos jornais, revistas, associações, clubes, partidos.²²

No século XIX, com a Revolução Industrial, a classe média levanta opiniões que extrapolam as questões políticas, agora os problemas sociais e econômicos são latentes. Revoluções sucessivas e “a expansão das idéias republicanas levam à generalização do sufrágio universal.”²³ No século XX, as modernidades que este período trouxe como: democracias modernas, estratégias de manipulação da opinião pública e o desenvolvimento dos meios de comunicação, a manifestação da opinião avalia os atos do governo. Diz Augras: “na era das comunicações de massa, a massa teria condições de informar o governo sobre as repercussões de seus atos, num processo contínuo de *feedback*.” Assim, a mídia pode ser considerada como a expressão da opinião pública. O autor Hans Speier, citado por Augras, dá uma definição essencialmente política sobre o termo: “opinião sobre assuntos que dizem respeito à nação, expressa livre e

²⁰ AUGRAS (1970, p.14).

²¹ Idem.

²² Idem.

²³ Idem, p.15.

publicamente por homens fora do governo que reclamam o direito de que suas opiniões possam influenciar ou determinar as ações, o pessoal, a estrutura de governo”.

Augras assenta um elemento relevante a respeito deste conceito e das ações de governo, quando diz: “Embora o ideal da democracia seja o controle das ações de governo pela opinião pública, na realidade o problema está colocado em termos de controle da opinião através dos meios de informação.”²⁴ Ao lado disso, diz ela, não se pode esquecer que imprensa escrita terá um papel fundamental na formação da opinião crítica. Papel este, enfatiza a autora, desempenhado já a partir do século XVII.

Outro aspecto a considerar com respeito à expressão da opinião pública é o de que esta pode ser institucionalizada ou não. No primeiro caso temos o voto e, no segundo, podemos incluir várias manifestações de maior visibilidade como a mídia. Ao que se acrescenta o boato, este embora não oficializado e sem contar com meios seguros ou comprobatórios de sua veracidade, pode, como a mídia, ser formador de opinião. O boato é transitório, assim como vem repentinamente some da mesma forma e tem uma característica peculiar: leva o ouvinte a acreditar, pelo menos em parte, em seu conteúdo, porque, da mesma forma como não comprova tudo que está argumentando, também deixa o ouvinte sem capacidade de refutar o que está sendo colocado. Uma das condições básicas para o aparecimento do boato é a ambigüidade (falta de informações seguras e objetivas). Estudos de Alport e Postman sobre a “Psicologia do Rumor”²⁵, demonstram que a importância de um acontecimento ou personalidade envolvida, mais a ambigüidade de sua exposição, levam ao boato. Ele é uma tendência inconsciente de um grupo, quando este se sente ameaçado ou lutando por sua sobrevivência. Com efeito, o conteúdo emocional está presente na formulação do boato e, quanto mais tenso for o contexto do mesmo, mais difícil desfazê-lo. Os boatos podem ser perigosos porque podem levar a uma guerra psicológica como estopim de uma comoção social.

Retomando a questão do voto, vale lembrar que este aparece como expressão política da opinião pública e assume a característica de uma das ferramentas institucionais de cidadania e democracia. A história das democracias é a história do direito do povo ao voto, quer dizer, da livre expressão da opinião pública na eleição de

²⁴ AUGRAS (1970, p.52).

²⁵ ALLPORT, POSTMAN (1953, p.2).

seus dirigentes e na participação do processo decisório do Estado. Não obstante, como enfatiza Augras:

A heterogeneidade social provoca a ambigüidade de linguagem e de comportamento. A estrutura da sociedade exprime-se no sufrágio e na opinião pública. A aspiração das sociedades democráticas é fazer coincidir os dois planos de comportamento, mas nem sempre alcançam totalmente o objetivo.²⁶

Assim, a opinião pública implica uma provável maioria de determinado universo a respeito de determinado fenômeno social que nem sempre se expressa em manifestações institucionalizadas como as do voto, por exemplo. Além do que, nas atuais democracias o voto tem sido apenas eleitoral.

Como sustenta Bobbio, a opinião pública é um conceito que tem duplo sentido, na sua formação e no seu objeto, ou seja, por ser ela formada pelo público e tecer opiniões sobre o que é público. Ademais, diz ele, esta promulga mais juízos de valor do que de fato e não coincide necessariamente com a verdade por ser opinião, mas à medida que se “fortalece no debate, expressa uma atitude racional, crítica e bem informada”²⁷. Outro aspecto ressaltado pelo autor é o de que a opinião pública não deveria contribuir para deixar sem controle a administração dos interesses públicos. Entretanto, advoga que dados de reportagens ou de pesquisa de opinião divulgados pela mídia, contemplando números sensacionalistas, podem deturpar a realidade, fugir do foco da democracia, colocar o interesse econômico (comercial) em detrimento do interesse social coletivo. Portanto, sem desempenhar seu papel como espaço público capaz de promover a democracia e a inclusão representativa de vários atores sociais.

De outra perspectiva, Pierre Bourdieu questiona o conceito de opinião pública falando sobre as fragilidades das questões que envolvem não necessariamente a imprensa sensacionalista, “marrom”, mas as pesquisas de opinião pública. Para ele, uma mesma questão de pesquisa não pode servir a todo mundo, pois pressupõe consenso sobre o objeto de estudo e isto nem sempre condiz com a realidade. Também pondera que algumas questões são tendenciosas nos questionários de pesquisa, principalmente quando são exclusivamente quantitativas e não permitem o livre expressar-se. O

²⁶ AUGRAS (1970, p.96).

²⁷ BOBBIO (1995, p.842).

entrevistado, assim, responde apenas sobre o que está sendo questionado, mesmo que não tenha pensado daquela maneira.

Jürgen Habermas, por sua vez, considera a opinião pública como uma instância crítica de determinado setor da população frente ao exercício do poder do Estado, mas também como instância receptiva e até mesmo passiva diante do controle exercido pelos meios de comunicação e por quem detém o poder político. A polêmica gerada em torno dessa formulação, rendendo críticas e vários debates teóricos, não impede seu uso como ponto de partida para expressar relações e mediações entre atores específicos da sociedade e os sistemas estatais de poder, como advoga Fraser.²⁸

Contudo, trazer esta discussão para o contexto deste estudo ou para o dos países latino-americanos não se mostra procedente, mesmo com a relevância das contribuições de Bourdieu, Fraser e Habermas para o conceito abordado. Para fins desta investigação, interessa destacar que quando se fala de sociedade, unanimidade é um elemento perto do irreal e consenso algo que não se estabelece de forma consolidada, principalmente quando falta debate entre as partes envolvidas. Entende-se, ademais, que não há caminho isolado para expressar a opinião do conjunto social. O voto, plebiscitos, referendos, sondagens de opinião e a mídia, entre outros, são instrumentos de acompanhamento e representação da opinião, embora muitos denotem fragilidade por lhes faltar isenção ou imparcialidade. Portanto, sua inserção no debate e no estudo, requer vislumbrar seus elaboradores e os interesses a que estão subordinados. Sob essa perspectiva, o cenário de representação política aparece como um conceito a ser considerado quando se trata da mídia como objeto de estudo.

2.3 CENÁRIO DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA

A discussão neste segmento é dedicada à apresentação do conceito de Cenário de Representação Política, a fim de buscar fundamentos para identificar a relação da mídia, em especial das tiras cômicas, com a política. O Cenário de Representação Política é um conceito, uma construção pública feita na e pela mídia, por isso oportuno

²⁸ FRASER (1993).

aqui. A noção de cenário de representação política, situada numa tradição mais ampla de estudos da sociologia política norte-americana, ao final da Segunda Guerra Mundial passou a ser associada ao conceito de cultura política por autores como Almond e Verba. A partir da década de 1980, coube a pesquisadores europeus relacionar o termo aos estudos sobre imaginário social.

Como observa Lima, a noção de Cenário de Representação Política pode ser reportada ao conceito de cultura política e ao de imaginário social, somando-se a eles o de hegemonia de Gramsci, entre outros. Sendo assim, diz Lima, esta tradição de estudos

[...] tem sido identificada por diferentes conceitos nos mais diversos contextos teóricos: vontade geral, opinião pública, representação coletiva, representações sociais, ideologia, imaginário social, mito, inconsciente político, cultura política, consenso, centro dinâmico da cultura e hegemonia.²⁹

Autores de escolas de orientação francesa, como Baczko³⁰, pressupõem que o imaginário social é o ponto de referência no vasto sistema simbólico de uma coletividade e reflete as próprias representações e significações destes grupos sociais. É, portanto, um conceito subjetivo e que cabe bem a uma análise de quem lê e/ou assiste a mídia em geral. Com Gramsci³¹, o conceito de hegemonia está pressuposto como a deflagração de um processo contínuo de disputa pelo poder e do papel das elites. Conceito que caberia bem a uma análise específica do papel da TV e dos agentes políticos. Nesse marco, como observa Lima:

O conceito de cenário de representação surgiu da necessidade de compreender as representações da realidade na mídia, em suas diferentes dimensões – política, raça, gênero, gerações, estética etc. – assim como de compreender a crescente importância que a mídia adquiriu na construção da própria realidade no mundo contemporâneo.³²

Mas consoante aos propósitos desta dissertação, pode-se dizer que o conceito de cenário de representação política circunscreve-se à construção pública das significações relativas à política. Ou seja, o cenário é o espaço, o lugar onde algum fato acontece, a representação desenha e codifica a realidade ao mesmo tempo em que é constituída por ela. Tudo isto em relação à política ou às democracias contemporâneas, entendendo-as

²⁹ LIMA (2001, p.177).

³⁰ *Apud* LIMA (2001).

³¹ *Apud* LIMA (2001).

³² LIMA (2001, p.186).

como lugar e objeto da articulação hegemônica total, constituído entre várias instituições, entre elas na relação da mídia com as tiras cômicas.

Como exemplo deste instrumento de análise, pode-se apresentar uma charge veiculada no início do século passado sobre a legalização do voto feminino, em 1932, e a polêmica que causou. Ela mostra a opinião pública, mais precisamente, a opinião masculina ou hegemônica na sociedade brasileira daquele período frente ao projeto de lei que buscava incluir as mulheres na seara da participação política. A figura retrata, de forma pejorativa, a inversão de papéis entre homens e mulheres que seria gerada quando as mulheres obtivessem o direito de voto, ou seja, a sua cidadania política.



Figura 1: Charge sobre a legalização do voto feminino

Fonte: PRÁ (2004, p.82).

O diálogo entre o personagem Zé do Povo, que representa a opinião pública, e o deputado Maurício de Lacerda, responsável pela apresentação do projeto de lei que concede o voto às mulheres, é expresso em ortografia da época, como segue:

ZÉ do POVO: - *Aqui tem, “seu” Maurício, um quadro do futuro que nos espera, se passar o seu projecto, dando o direito de voto ás mulheres... Em pouco tempo “ellas” que são mais sabidas do que nós,*

aproveitarão a molleza dos homens e dominarão tudo! E teremos então esta beleza: o avô fazendo “crochet”, a avó fumando cachimbo, o marido amamentando o filho, enquanto a mãe vae para a Câmara dos deputados deitar o verbo pela salvação da pátria! Tudo transtornado! Tudo invertido!

MAURÍCIO de LACERDA: - *Mas que tem isso? A Constituição é clara: as mulheres podem ser eleitoras!*

ZÉ do POVO: - *Pois, então viva a Constituição e o voto feminino! Talvez, com as mulheres em scena, nós sejamos mais homens... acudindo ao apelo do Ministério da Agricultura e indo – rumo ao campo – para plantar batatas!*

Sem entrar no mérito do conteúdo dos textos acima ou acerca das lutas travadas pelas feministas ou pelas sufragistas, cuja mobilização levou à apresentação do referido projeto, interessa destacar aqui a sincronia entre mídia e opinião pública. A mídia vista nesse cenário como um filtro de leitura da realidade que contribui na elaboração dos mapas cognitivos dos indivíduos. Está claro que uma decisão política relevante como a aprovação do voto feminino sugere a possibilidade de intervenção nas estruturas de comportamento estabelecidas e nas relações de poder que se manifestam via cultura política. Com efeito, embora esta charge busque contemporizar a participação da mulher na política e a possibilidade de que esta viesse a desempenhar novos papéis na sociedade, ela representa uma sátira de algo ainda não resolvido e do que permanece legitimado culturalmente.

Nesse ponto, é importante frisar o papel central da mídia na constituição de cultura política, dada sua capacidade de assumir funções de ator político e de formatar cenários de representação política. Nesse sentido, o real e os significados registrados na e pela mídia tanto podem construir cultura política como ser construídos a partir dela. Consoante à cultura política, utiliza-se como referência, para fins desta análise, a perspectiva originada a partir dos estudos dos norte-americanos Almond e Verba. Tal escolha se justifica dada a contribuição desses autores no estudo das representações e dos elementos simbólicos relativos à política em determinada sociedade, assim como à forma como a política é feita e pensada por e para esta mesma sociedade.

2.3.1 Da Cultura Política

Iniciando pela obra de Almond e Verba *A Cultura Cívica. Atitudes Políticas e democracia em cinco países*³³, é possível trazer alguns elementos para situar o conceito de cultura política como ferramenta de análise social, posto a importância destes para a introdução dos estudos de cultura política no âmbito Ciência Política. As décadas de 1950 e 1960, frente às perspectivas históricas em relação à democracia, mostraram, com Almond e Verba, que as estruturas políticas não davam conta de explicar os fenômenos democráticos, assim a abordagem da cultura política serve para esclarecer porque a estabilidade política depende da sociedade, de seus comportamentos, tanto quanto das regras institucionais. Os cinco países estudados na obra são: Estados Unidos, Grã-Bretanha, Alemanha, Itália e México. A partir deles, os autores elaboram uma tipologia sobre modelos de democracia e registram três tipos de cultura política, quais sejam: paroquial, subjetiva e participativa.

Para definir socialmente estes tipos, os autores estudam três dimensões conceituais de orientação política: a *cognitiva*, que é a do conhecimento e visa identificar o que as pessoas sabem em relação à política; a *afetiva*, que reflete a proximidade ou distanciamento das pessoas em relação ao objeto política (estruturas políticas, valores políticos e normas); e a *avaliativa*, onde se mede o desempenho da política junto à sociedade. No tipo de cultura política paroquial, estas três dimensões estão ausentes, ou seja, as pessoas não conhecem a política, não se envolvem nela e não a avaliam. Já na cultura política do tipo subjetiva ou moderada, estão presentes as três dimensões, contudo, as pessoas não participam da política, embora tenham opiniões a respeito dela. No último tipo, o participativo, as pessoas participam politicamente, se envolvem em agremiações e se organizam, sendo este o que efetivamente mantém as democracias estáveis. Tal manutenção compreende o que os autores citados identificaram como senso cívico ou cultura cívica.

Em análise mais recente sobre o tema, Inglehart³⁴ advoga que a cultura cívica pode ser compreendida como um conjunto coerente de síndromes, que compreende: satisfação pessoal, satisfação política, confiança interpessoal e apoio à ordem social

³³ ALMOND; VERBA (1965).

³⁴ INGLEHART (1997).

existente. Segundo este autor, as sociedades que conseguem incorporar mais elementos desse conjunto têm maior possibilidade de garantir democracias estáveis se comparadas às que reúnem um número menos desses elementos. Os estudos de Inglehart sobre o pós-materialismo e mudança de valores juntamente com os de Putnam, acerca da noção de capital social, marcam o período em que a literatura da Ciência Política entende a participação política, a confiança interpessoal, a tolerância e a liberdade de expressão como aspectos essenciais do processo de construção democrática.

A Cultura Política é uma abordagem pela qual é possível analisar as atitudes dos cidadãos no aspecto político e ver como os sistemas políticos podem estar mais adequados às necessidades de determinadas sociedades e propor mudanças. O tipo de comportamento mais específico de uma sociedade é que vai determinar o tipo de cultura política. Uma sociedade politizada é aquela que consegue reunir as três orientações; Cognitiva, Afetiva e Avaliativa mais o componente de participação do cidadão. A cultura política é construída pela transmissão, ao longo do tempo, de normas, informações, vínculos afetivos, valores e crenças, expressando os padrões de socialização política de determinada sociedade. Sendo assim, este é mais um conceito a ser considerado neste estudo.

A socialização tende a acontecer, tradicionalmente, por meio de instituições como a família, a escola, a igreja pelas quais se toma ciência de imaginários sociais. Pela mídia impressa, objeto deste estudo, a crítica social comunicada ali pode captar a existência de mais cidadania e democracia, ou não, ao realçar situações-problema da vida cotidiana do cidadão. Ela captura um imaginário coletivo específico pela rotina de famílias trabalhadoras e com consumo limitado que integram a Turma da Mafalda. O conhecimento social e político ou sobre a história de uma determinada sociedade ou região pode vir de diversas fontes. A tira cômica pode ser vista como: um “documento histórico, pois capta as opiniões e a sensibilidade do momento, refletindo com humor um acontecimento social, político, os costumes do povo, caracterizando a psicologia de uma coletividade”³⁵. Igualmente pode ser tida como “fonte alternativa de conhecimento político”³⁶.

³⁵ MURUCI (*apud* MALTA 2007, p.77).

³⁶ MALTA (2007, p.77).

A socialização política aparece, então, como outro conceito a compor esse quadro e pode ser vista como formadora de atitudes fora das instituições políticas. Como processo, é o mecanismo de identificação da Cultura Política, circunscrevendo de que maneira valores, crenças e normas são transmitidas aos cidadãos do ponto de vista histórico e na sistematização de suas atitudes. Pode-se falar em instâncias de socialização política, onde podem ser situadas: a família, a escola, os grupos de referência – que são os que fundamentalmente transmitem a “Cultura Política” ou caracterizam-na - e os meios de comunicação. Pode-se dizer que grande parte do que as pessoas pensam vem dos meios de comunicação e é daí que se origina também a opinião pública a que este trabalho faz referência.

Consoante ao uso do conceito de Cenário de Representação Política nesta dissertação, para identificá-lo podem e são utilizadas algumas ferramentas da mídia, quais sejam: o *agenda-setting* e o *framing*. O primeiro refere-se ao agendamento e supõe que a mídia agendaria os assuntos discutidos pela opinião pública. Com esta ferramenta a mídia determinaria o conteúdo de discussão do público em certo período. Já o *framing* ou enquadramento, decorrente do primeiro conceito, determinaria como um assunto agendado pela mídia deveria ser pensado. O enquadramento da direção ao tema, destacando ou depreciando certos aspectos do assunto.

Uma vez entendido, o conceito de cenário de representação política e o “lugar” da Representação é válido lembrar que não se trata, contudo, de conceber a “representação” como algo tramado, falso, mas como uma reconstrução intencional de uma dada realidade. Mas como saber se o cidadão percebe o cenário de representação política? O cenário de representação política identificado pela mídia coincide com o cenário de representação política identificado pelo cidadão? O balizamento destas questões é dado por dois elementos fundamentais, a saber: pela compra expressiva do material (as tiras cômicas) e pelo conjunto de representações holísticas de uma sociedade no tempo. A compra expressiva das tiras da Mafalda tanto enquanto jornal de época, quanto como compilação em livro, significa a legitimação da opinião pública expressa ali e o grau de identidade da sociedade com a produção do ilustrador de tiras. O cenário de representação política articula o conjunto das representações cognitivas, afetivas e valorativas, em relação à política, numa determinada circunstância histórica e reproduz, pelas tiras cômicas, o que é legitimamente aceito pela sociedade para que venda. Nesse sentido, o conceito de enquadramento (*framing* - surgido nos estudos

sobre construção da notícia) é importante ferramenta na identificação dos cenários de representação política registrados nas tiras cômicas. Para Lima Filho:

Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-la mais saliente num texto comunicativo de tal forma a promover uma particular definição de problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou tratamento recomendado para o item descrito.³⁷

Enfim, a sistematização do material empírico vai abordar a mídia como objeto de estudo; o conceito de opinião pública como constituído e constituinte de cultura política e buscará apresentar o cenário de representação política, através das tiras cômicas, no seu contexto histórico e na sua atualidade, na sua permanência. Neste ponto, torna-se oportuno evoluir para a metodologia e a sistematização dos dados, apresentando os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa e no tratamento do material empírico.

³⁷ LIMA FILHO (2003, p.38).

PARTE 2 – DAS PONDERAÇÕES

3 A LEITURA DAS TIRAS CÔMICAS

Neste capítulo, a verificação empírica está apresentada da seguinte forma: a primeira parte disserta sobre a descrição, a justificação e as particularidades dos procedimentos metodológicos e do levantamento de dados. A segunda parte apresenta a sistematização e descrição dos dados, visando identificar conjunturas e forças históricas que tornam as tiras atemporais a ponto de extrapolarem sua localização espacial e os períodos examinados. Concomitantemente, são apontados e analisados os elementos constitutivos expressos nos conteúdos das tiras cômicas e nas suas representações, a saber: as suas mensagens.

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo, de caráter exploratório, como pontuado na introdução deste trabalho, adota uma abordagem de natureza qualitativa e se baseia na técnica da análise de conteúdo para proceder à busca dos sentidos e significados das mensagens políticas contidas as tiras cômicas, alvo da investigação empírica. Como parte relevante da metodologia de investigação, a análise de conteúdo visa utilizar-se de procedimentos sistemáticos para descrever o teor das mensagens existentes em um texto. Assim sendo, o trabalho investiga e estuda, pelas tiras cômicas de Quino, o conteúdo das figuras de linguagem, das mensagens não manifestas, das entrelinhas e das reticências.

Quanto à análise de conteúdo, antes de relacionar seu uso em abordagens sobre a mídia e sua apropriação pela ciência política, mostra-se oportuno traçar um breve recorrido histórico acerca do uso desta técnica a fim de identificar seus primórdios na história. Isso permite identificá-la como parte das primeiras tentativas de buscar responder ou entender o significado das mensagens bíblicas. Assim, fazia-se a decodificação dos símbolos e mensagens do livro sagrado a fim de interpretar metáforas e parábolas. Por volta de 1460, o interesse de verificar a autenticidade de hinos religiosos luteranos, levou à investigação criteriosa de seus conteúdos. Séculos depois, o

intuito de captar as emoções e os sentidos da linguagem presentes em textos como o Êxodo, no Antigo Testamento, conduz a levantamentos temáticos e quantitativos.

Concernente ao foco desta técnica na mídia, mais precisamente na medição do impacto sensacionalista de artigos da imprensa, encontra-se sua localização no século XX, fundamentalmente nos EUA. No período posterior à Primeira Grande Guerra Mundial, encontram-se as análises de Harold Dwight Lasswell³⁸ sobre imprensa e propaganda e os efeitos da mídia na motivação da guerra. O interesse da Ciência Política por temas da Segunda Guerra mundial, principalmente em universidades norte-americanas, situaram a análise de conteúdo como fonte recorrida para desvendar o cunho ideológico e mesmo nazista de jornais, revistas e de suas propagandas. Lasswell supôs, em suas teorias, que os significados dos símbolos construídos na mídia e o seu poder de massa podem convencer de maneira consistente a opinião pública. Para além deste autor, projetaram-se na análise do conteúdo dos meios de comunicação, teóricos como Bernard Reuben Berelson³⁹ e Paul Felix Lazarsfeld⁴⁰, identificados como os consolidadores das ferramentas da análise de conteúdo.

A análise de conteúdo, inicialmente tributária de perspectivas quantitativas, caso a incluir os três autores acima citados, evolui para propostas de cunho qualitativo a partir do decênio de 1970. Ao mesmo tempo, este tipo de análise tem propiciado a intersecção entre qualitativo e quantitativo. Nesse sentido, vale salientar a contribuição professora da Universidade de Paris, Laurence Bardin⁴¹, nos estudos de comunicação de massas e psicossociológicos. Segundo esta autora, a análise de conteúdo reúne um conjunto de procedimentos metodológicos cada vez mais em evolução e que são sutis. Para ela, convém desvendar o que está por detrás do discurso aparente que costuma ser simbólico ou polissêmico. Ademais, entende ser função da análise de conteúdo buscar um texto atrás de outro texto. Entende, além disso, que mesmo considerando a ênfase de uma abordagem quantitativa (onde o referencial é a frequência de certas características do conteúdo) ou qualitativa (onde o referencial é a presença ou ausência de dada característica de conteúdo ou de um conjunto delas num determinado fragmento de mensagem) a exigência de objetividade torna-se cada vez menos rígida quando se analisa conteúdos. Isso significa dizer, seguindo Bardin, que a análise de conteúdo

³⁸ LASSWELL (*apud* AMADO, 2000).

³⁹ *Idem.*

⁴⁰ *Idem.*

⁴¹ BARDIN (1977).

aceita combinações de compreensão clínica, quantitativas e referentes ao marco teórico, objetivando a inferência, a dedução, até chegar a uma proposição, a uma ponderação. Em suma, na expressão desta autora, a análise de conteúdo é polimorfa, polifuncional e cumpre uma função heurística (ciência do descobrimento), enriquecendo tentativas exploratórias rumo a descobertas.

Ao lado disso, como esclarece Campos⁴², o método de análise de conteúdo está balizado por duas fronteiras, a saber: uma que é a da lingüística formal e outra da hermenêutica, que é a seara do sentido das palavras. O foco aqui será o da fronteira da hermenêutica. Tal escolha adéqua-se por utilizar métodos semânticos, pesquisando o sentido dos textos, imagens e enunciados dos universos psico-semânticos e sócio-semânticos do objeto de estudo. Como supra citado, a busca dos sentidos tanto do texto (semântica), como das palavras (hermenêutica) irá compor as ações de uma análise de conteúdo de um meio de comunicação, as tiras cômicas.

O conteúdo de uma expressão comunicativa deste nível é extremamente rico e pode permitir uma variedade de interpretações. As interpretações são diversas justamente por ser uma expressão da fala humana, isto é, haverá no conteúdo mensagens manifestas e latentes. Para buscar fidelidade na interpretação, um caminho será partir das mensagens manifestas (explícitas). A intenção é demonstrá-las como estão manifestas, buscando dar conta dos objetivos, questões de pesquisa e usando os indícios explícitos da comunicação. Entretanto, a fim de não negar a subjetividade humana, os conteúdos simbólicos ou latentes serão analisados considerando as mensagens nos contextos históricos e políticos a que se referem.

Relembrando, o objetivo geral aqui é capturar o que as tiras dizem sobre o consciente coletivo do cidadão e examinar como o ilustrador (criador de tiras) pensa o imaginário político e o socializa. Isso implica em identificar o teor político implícito nas tiras cômicas da Mafalda; mapear as reproduções do imaginário social de um segmento desta sociedade, seus sentimentos sobre governo, humanidade, políticas públicas, democracia e sua condição enquanto cidadão. Isso leva a registrar percepções e/ou ponderações de cidadania e democracia e possíveis sugestões políticas não pensadas institucionalmente. Esta é a forma encontrada para contemplar a proposta de dimensionar fontes de conhecimento político e apreender as contribuições das tiras

⁴² CAMPOS (2004, p.612).

cômicas ao processo de construção da cidadania e democracia, visando verificar em que medida o cenário de representação política inscrito nos conteúdos e nas mensagens das tiras cômicas aponta sugestões de mudança política via alteração de valores sociais e da cultura política. Ou, ainda, até que ponto o cenário de representação oriundo das tiras sugere a institucionalização de outras práticas políticas por parte das instituições políticas. Nessa direção, é importante ter presente as sugestões de Campos, para quem:

a análise de conteúdo não deve ser extremamente vinculada ao texto ou a técnica, num formalismo excessivo, que prejudique a criatividade e a capacidade indutiva do pesquisador, por conseguinte, nem tão subjetiva, levando a se impor as suas próprias idéias e valores, no qual o texto passe a funcionar meramente como confirmador dessas.⁴³

Dessa forma, a análise do material empírico obedecerá ao estabelecimento de fases que determinarão os procedimentos metodológicos apresentados abaixo.

3.1.1 Fases da Análise de Conteúdo

A análise empírica, fundamentada na Análise de Conteúdo, foi dividida em cinco etapas, quais sejam: 1) Leituras flutuantes do material para escolher o *corpus* a analisar; 2) Leitura de todo o *corpus* para traçar orientações; 3) Várias leituras do *corpus* para retirar as idéias principais e os significados gerais; 4) Seleção das unidades de análise que resultaram em temas ou categorias analíticas; 5) Processo de categorização ou sinalização de grandes enunciados que abarcam um número variado de temas: aqui cidadania e democracia.

A primeira etapa compreendeu a leitura de 2205 tiras cômicas de Quino⁴⁴ aleatoriamente, portanto, sem o compromisso formal de identificar objetos de análise, mas de pontuar ou sublinhar as tiras mais significativas politicamente.

O interesse nessa fase recaiu nas tiras cômicas de cunho político, ou seja, naquelas que, de forma latente ou velada, criticavam o comportamento do cidadão, dos

⁴³ CAMPOS (2004, p.613).

⁴⁴ Compilação apresentada em LAVADO (1997).

políticos e as ações de governo. Num segundo momento, buscou-se ler apenas as tiras cômicas sublinhadas e identificar quais suas orientações ou sobre o que falam: de humanidade, de políticos, de paz, de segurança, do mundo, de realidade local, enfim, quais as suas orientações. Maneira encontrada para dar a elas palavras como título. Na terceira etapa tratou-se de reler várias vezes o material selecionado a fim de prepará-lo para um agrupamento por sentido e significado comum, o que gerou a quarta etapa. Tal processo resultou na seleção de 334 tiras, que foram agrupadas por categorias analíticas. Nele, as tiras cômicas foram digitalizadas e agrupadas sob temas surgidos da leitura: política, paz, opinião pública, mundo, mídia, liberdade, humanidade, governo, futuro, feminismo, felicidade, família, ditadura, democracia, consumismo, classes sociais, classe média, capitalismo e alienação. Na quinta e última etapa, foram realçados dois grandes enunciados para abarcar os temas da cidadania e da democracia, acerca dos quais interessa apreender as ponderações propostas pelas tiras cômicas.

Parte-se aqui da terceira etapa acima nomeada, na qual se deu início à tarefa de enfatizar os elementos constitutivos ou as representações expressas nos conteúdos das tiras cômicas – suas mensagens –, bem como a de sistematizar e descrever os dados selecionados, visando identificar, em seus contextos, forças conjunturais que são a um só tempo históricas e atemporais. Com base nos grandes temas selecionados do material empírico de Quino, as tiras cômicas foram lidas e agrupadas por títulos de recorrência da expressão da opinião pública, na formação de cenários de representação política e em relação à cidadania e à democracia e assim serão analisadas.

3.2 OPINIÃO PÚBLICA E CENÁRIOS DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA PELA LEITURA DE QUINO

Os Cenários de Representação Política das tiras cômicas de Joaquim Salvador Lavado (Quino) são localizados na Argentina no período que vai de 1964 a 1973. Mas como referido inicialmente, considera-se tal localização como apenas formal e, por consequência, extensão de outros contextos latino-americanos. Sendo assim, parte-se do entendimento que o cenário da Turma da Mafalda, construído por Quino, adquire

estatuto atemporal e segue atual em sua crítica, extrapolando tanto o tempo como o espaço geográfico no qual foi criado.⁴⁵

Diante do contexto histórico local, da conjuntura mundial e dos cenários de representação política que eles concebem, busca-se apresentar a temática da opinião pública, presente nas tiras cômicas de Quino, como ponderadoras e capazes de sugerir cidadania e democracia de forma desconstituída. Para orientar o debate consoante às ponderações sobre cidadania se tem por base Carvalho⁴⁶ cuja definição diz respeito àquele que pertence à cidade e é agente da história. Este, para Carvalho, é o cidadão que participa das decisões, tem senso cívico e se faz presente nas questões que dizem respeito ao bem-comum. Tal cidadania inclui sentir-se responsável pelos acontecimentos do país, abarcando os verbos participar, interagir e não apenas eleger.

Já para orientar a abordagem das ponderações sobre democracia se tem por referência Moisés quando esclarece, citando Dahl, que democratizar é institucionalizar o direito de contestação, onde alguns membros da sociedade são investidos de autoridade para agir em nome do bem comum. Nesse marco, segundo Moisés, a democracia

se define pelo princípio da CIDADANIA, ou seja, pela idéia de que os cidadãos, como membros da comunidade política, são iguais entre si e devem ser reconhecidos e tratados como tais; além das garantias civis e políticas fundamentais implicadas por essa definição, e destinadas a assegurar a liberdade e a autonomia plenas do indivíduo em face do Estado.⁴⁷

Advoga ainda Moisés que as dimensões de contestação e participação precisam estar articuladas por um conjunto mínimo de regras que incluem: direito pleno de

⁴⁵ Embora o foco do trabalho seja o alcance atemporal das tiras da Turma da Mafalda, vale salientar o contexto histórico no qual surgiram. Conforme PADILHA (2004, p. 241), “a década de sessenta apresenta um complexo panorama político: restrições eleitorais, instabilidade institucional, golpes de Estado e violência estatal e social. Igualmente, é um período de inovações culturais provenientes do exterior, Europa e Estados Unidos, fruto da abertura econômica e cultural iniciada na presidência de Frondizi, após a queda de Perón.” Resumidamente, de 1962 a 1964, a Argentina passa por um Golpe Militar com a queda do presidente Arturo Frondizi e ascensão ao poder de uma junta de comandantes militares. Entre 1963 e 1966, novas eleições presidenciais colocam Arturo Umberto Illia no poder e este estabelece um governo mais aberto. A partir de 1966, novo golpe militar e uma série de presidentes se alternam no poder com o apoio do exército. Em 1973, Hector José Campora assume a presidência, mas, renuncia meses depois. No mesmo ano, novas eleições livres fazem Perón retornar ao poder. Com a morte de Perón, em 1974, sua esposa, Maria Estela de Martínez Perón, assume o governo até 1976, quando é destituída por golpe militar. Portanto, instabilidade, violência e conflito são a marca Argentina no período em questão.

⁴⁶ CARVALHO (1998, p.36). O que referencia sobre o não-cidadão.

⁴⁷ MOISÉS (1995, p.32 e 37).

participar no processo de formação de governos, votando; manutenção da vontade da maioria na escolha de governantes e em decisões relativas ao bem-comum; garantia de acesso a decisões e de não perseguir cidadãos por suas manifestações ou participação; direito de associação e organização, resguardados os princípios democráticos; reconhecimento de conflitos de interesse ou identidade como questões relacionadas ao meio ambiente, à raça ou sexo; manutenção de poderes distintos de Estado e de acesso a mecanismos de controle dos mesmos. Nesse marco, democracia e cidadania estão necessariamente imbricadas. Tendo tal imbricação como o ponto de chegada desta dissertação, inicia-se a análise empírica pela apresentação do ilustrador político Quino, priorizando sua história de vida e a sua personagem principal, Mafalda.

3.2.1 Quino e Mafalda

Joaquim Salvador Lavado, criador das tiras cômicas da Mafalda, nasceu a 17 de julho de 1932, em Mendonza, Argentina. Quino é um apelido que foi lhe dado desde pequeno para distinguir seu nome de seu tio também Joaquim. O tio Joaquim Tejón era desenhista e publicitário e é com ele que Quino, aos três anos de idade, descobrirá sua profissão. Na década de 40, perde os pais prematuramente. Neste período, decide inscrever-se na Escola de Belas Artes de Mendonza, mas não conclui os estudos. Em 1953, presta serviço militar mantendo nesse ambiente uma convivência que o desagrada. Entretanto, no exército, conhece e passa a conversar com jovens de vários estratos sociais o que lhe inspira a desenhar diferente. No próximo ano, instala-se em Buenos Aires e percorre todas as redações da Cidade para expor seu trabalho. É um período de grande privação material, mas que ao final do ano lhe renderá a sonhada colocação no mercado de trabalho. Tal situação econômica e suas origens lhe permitirão maior intimidade no desenvolvimento de um trabalho unido a problemas sociais e à política. Em 1957, alcança seus objetivos como desenhista ao publicar nas revistas que almejava desde jovem. Em 1958, começa a ilustrar campanhas publicitárias. No ano seguinte, contrai matrimônio e vai passar a lua-de-mel no Brasil, onde, além de conhecer Millôr Fernandes, Ziraldo, Henfil e toda a turma do *Pasquim*, terá os

primeiros contatos com editoras estrangeiras. É a primeira vez que sai do país. No ano seguinte surge a Mafalda.

Em 1963, além de publicar seu primeiro livro de humor o *Mundo Quino*, Joaquim Lavado é apresentado à *Agens Publicidad* que solicita a ele a criação de um personagem para fazer a publicidade de uma empresa de eletrodomésticos, a Mansfield. A exigência desta empresa era que um dos personagens tivesse um nome iniciado com M de Mansfield. A empresa de publicidade acabou não realizando a propaganda, mas já estava criada a Mafalda, a menina questionadora.

Mafalda foi publicada pela primeira vez no semanário *La Primera Plana*, jornal criado com o objetivo de traçar uma reflexão crítica e política da atualidade argentina e internacional. O semanário foi desenhado sob um projeto editorial político que vislumbrava tendências européias e norte-americanas de hebdomadários no sentido de “refletir periodicamente o mundo das transformações econômicas, sociais e políticas que vivia o país durante os anos de 1960, reproduzindo valores e atitudes da classe média urbana e, fundamentalmente, da cidade de Buenos Aires.”⁴⁸ Este tipo de proposição comunicativa é muito importante para o objeto de estudo em questão uma vez que produz uma retroalimentação dos imaginários sociais entre os meios de comunicação de massa e o público leitor. Corroborando esta fala, Bazcko⁴⁹ argumenta que a informação estimula a imaginação social, assim como os imaginários coletivos estimulam a informação. Ação dinâmica que produz a contaminação de um pelo outro e tal fenômeno gera cultura. Concernente à obra de Quino, o autor tem sido avaliado como

precursor da comunicação pós-moderna na América Latina, um pensador prospectivo do contemporâneo, num período de grandes problemas sócio-políticos que a Argentina enfrentava e numa época em que ainda não se falava em pós-modernismo nos países Sul-Americanos.⁵⁰

Ao lado disso, Quino é considerado um pessimista em relação à política, porém como alguém que eterniza a América Latina, mesmo que a veja com qualidades e

⁴⁸ PADILHA (2004).

⁴⁹ BAZCKO (*apud*, PADILHA 2004, p.254).

⁵⁰ RAHDE; PASE (2005, p.3).

defeitos. Já Mafalda e a sua Turma são definidas como símbolo desse continente, pois elas surgem para desacomodar costumes e valores.

3.2.2 Mafalda no Contexto de 1964 a 1973

No artigo *O Imaginário em Mafalda, uma Prospecção Pós-Moderna*, Maria Beatriz Rahde e André Pase buscam os ensinamentos contidos nas falas da Turma da Mafalda, classificando-as como instrumento de crítica à ditadura Argentina. Para tanto, primeiramente elaboram um traçado histórico das histórias em quadrinhos, mostrando que a pós-modernidade produziu heróis coletivos, advindos do povo, com espírito contestatório e social. Heróis com características humanas e que também sofrem as mazelas da sociedade. Muito diferente dos antigos heróis cujo papel era resolver problemas pontuais.

Nesse aspecto, a Turma da Mafalda pode ser considerada representativa de uma sociedade de época: Mafalda condena o mundo adulto, critica o governo e algumas futilidades femininas. Ela não se conforma com a humanidade, mas tem crédito em sua geração. Odeia a sopa⁵¹, as injustiças, o racismo. Ama a paz, os direitos humanos, a democracia e os Beatles. Susanita Chirusi Clotilde, outra entre os personagens mirins de Quino, reflete as perspectivas da burguesia da época, quer casar com um médico, ser da alta sociedade e ter muitos filhos. Ela é fofoqueira e briguenta, odeia os pobres e as reflexões sobre o mundo que Mafalda faz. Também não gosta do Manolito.

Felipe, Liberdade e Miguelito, são os “filósofos” do grupo, preocupados com as questões sociais e o bem-comum. Felipe é um ano mais velho que Mafalda e o seu oposto. É preguiçoso, tímido e até romântico. Critica o mundo e a sua própria personalidade. Miguelito Pitti é egocêntrico, inocente e gosta de refletir sobre tudo, inclusive sobre coisas sem importância. Liberdade é bem pequena como restrita era esta palavra durante períodos autoritários, é intelectualizada, filha de pai socialista, gosta de cultura, revolução e de poder reivindicar sempre. Manolito Goreiro é um liberal apenas

⁵¹ Em entrevista, Quino coloca que a sopa é o símbolo da ditadura, algo com sabor difícil de digerir. Disponível em: <http://www.quino.com.ar/portugues/quino_perguntas.htm>. Consultado em: 10/10/2009.

preocupado com finanças, lucro e as vendas do mercadinho de seu pai. Ambicioso, materialista, admira Rockefeller e o que quer ter na vida é uma enorme rede de supermercados.

Os pais de Mafalda são uma típica família de classe média: o pai trabalha incessantemente o dia todo para prover o sustento da família que começa com três elementos e depois nasce o Guile. O passatempo favorito do pai, em casa, é cuidar de plantas. A mãe cuida da casa e dos filhos, numa rotina cansativa e interminável. Ela cursava ensino superior, o que largou para constituir sua família. Os pais aparecem economicamente falidos em algumas tiras. Guile, o mais novo personagem, é inocente e terno, faz pensar sobre como gestos simples e amorosos podem aliviar situações cotidianas espinhosas. Todos estes personagens num cenário latino-americano que passa por precárias condições sociais frente a países de primeiro mundo da época.

Referindo-se à personagem Mafalda, Rahde e Pase, argumentam que esta “tornou-se o símbolo do imaginário mítico de uma Latino-América que ansiava por liberdade de expressão, por liberdade de escolhas sociais e culturais, pela emancipação feminina”. Ao lado disso, assinalam que “ela questiona os padrões estabelecidos” por esta sociedade e “propõe novos caminhos, novos comportamentos”⁵².

Feita a apresentação dos personagens do ilustrador político Quino, passa-se à leitura das tiras cômicas, seguindo a configuração das fases definidas para a operacionalização da análise de conteúdo, que resultou nos seguintes títulos compilados: alienação do cotidiano, capitalismo e consumismo, classe média e classes sociais, democracia e ditadura, governo e política, humanidade, mundo, cotidiano e problemas sociais. O critério de apresentação segue ordem alfabética com a exibição de tiras para ilustrar conteúdos. A exposição mantém a originalidade do texto de Quino, submetendo-o à interpretação com o aporte do referencial teórico do estudo pela ótica da ciência política.

⁵² RAHDE; PASE (2005, p.5).

a) *Alienação do Cotidiano*

O título alienação foi assim atribuído em função das muitas ações do cotidiano executadas pela família de Mafalda e que provocam um distanciamento dos indivíduos das questões que dizem respeito ao social, à economia, à política, enfim, certas e diversas amarras do dia-a-dia que deixam alheios os cidadãos. Em algumas tiras cômicas, o carro da família é visto como um filho pelo pai. Ele o cuida, limpa, vai visitá-lo na garagem durante a madrugada. Tal fato retira sua atenção de determinadas situações familiares e de alguns membros da família. Mafalda não gosta⁵³. A carência de relação familiar se estabelece e nem sempre há comunicação. A vida atribulada do pai de família faz com que ele queira vir para a casa e se alienar dos problemas pessoais e do mundo. Seu emprego é considerado indigno, sem contar que precisa agüentar o mau humor do chefe, somado ao acúmulo de trabalho. Terminado o expediente, ele quer apenas descansar, ficar um pouco com a família e preparar-se para a rotina estafante do dia seguinte. Mas, com a Mafalda questionando sobre o mundo em guerra fria e sobre a guerra do Vietnã, só um “nervocalm”⁵⁴ para baixar o stress desse pai.

O imaginário político sobre *alienação* encontra correspondência em Baquero e Prá⁵⁵ quando falam em cultura política. O autor e a autora ponderam que o modelo formal de democracia atual mantém uma “cultura política caracterizada pela passividade, antagonismo e resignação” por parte dos cidadãos. Tal observação não implica em determinismo histórico e cultural a competir para esse efeito de distanciamento do cidadão da política. A história e os costumes sociais influenciam na construção das representações dos indivíduos e na “manutenção de crenças e valores políticos”. A família de Mafalda está distanciada da participação política, de uma cultura cívica capaz de aderir aos princípios do contrato social, na acepção hobbesiana. Não parece haver confiança entre governo e sociedade, fato explorado adiante ao se tratar do título governo e política. Assim, as relações não evoluem para uma participação efetiva, em decorrência, não contribuem para uma democracia substantiva.

⁵³ LAVADO (1997, p.350).

⁵⁴ Idem, p.10.

⁵⁵ BAQUERO; PRÁ (2007, p.11).

Politicamente falando, a alienação provoca dependência e, portanto, falta de autonomia e de pró-atividade. As tiras cômicas que fazem referência ao trabalho extenuante do pai e ao aprisionamento doméstico e cotidiano da mãe (sem a contestação desta) sinalizam para o que Bobbio aponta como a “alienação dos colonizados”⁵⁶. Isto é, enquanto os cidadãos sofrem as mazelas de sua condição, estão, concomitantemente, interiorizando a cultura e os valores dos colonizadores.

Os pais de Mafalda aceitam esta situação. A passividade também está no fato de não haver contestação. A ausência de questionamento e rebelião pode estar relacionada à condição de trabalho extenuante, falta de tempo para desenvolver outras atividades além do trabalho, tais como: estudar, ter lazer, tomar ciência dos problemas da sociedade e da política ou participar das decisões que dizem respeito ao bem-comum. Alheio, o cidadão não se sente nem responsável, nem parte decisiva no processo político-democrático.

O hobby do pai é cuidar das plantas que cultiva em vasos no apartamento da família, ele fica muito contrariado quando elas não estão bonitas. Por vezes, a dimensão deste sentimento é desmedida. Numa tira cômica aparece o pai sentindo como tragédia o fato das formigas estarem devorando uma de suas plantas⁵⁷. Mafalda assiste o desespero do pai e liga o rádio para que ele escute as notícias de numerosas vítimas no Vietnã e Argel. Mafalda faz pensar sobre os alcances dos problemas pessoais em relação aos sociais e da limitação de algumas visões de mundo.

Atividades essencialmente instrumentais e não essenciais dos cidadãos em relação à sua vida cotidiana degrada a vida social. Não se sentindo parte integrante e importante da sociedade, o cidadão aceita realizar as tarefas meramente instrumentais do cotidiano visando a sua existência particular. Nas tiras cômicas onde o pai se desespera porque suas plantas estão sendo devoradas por formigas, as críticas da Mafalda a respeito do mundo e das mortes no Vietnã só fazem sentido quando ela fala. O pai sozinho não chega a este entendimento por não ser este seu foco de atenção. Como “colonizado” sabe que precisa trabalhar, sustentar a família e contribuir para o futuro dos filhos.

⁵⁶ BOBBIO (1995, p.20).

⁵⁷ LAVADO (1997, p.20).

A mídia é outro tema sobre o qual Mafalda e sua turma têm muito a dizer no que concerne à alienação. Eles fazem muitas críticas à televisão, foco e sonho de consumo da época, mas que vêem como um objeto que não permite pensar. Por isso Mafalda permanece olhando o aparelho desligado por considerar que só é possível pensar em frente à televisão quando ela está desligada⁵⁸. Nas apreciações sobre este tipo de mídia, Miguelito expõe o que aprendeu com ela nos seguintes termos: “se a pessoa passar desodorante, depois comer salsichas e aí comprar uma máquina de lavar roupa só não será feliz se for muito idiota”⁵⁹. Além dos reclames comerciais, as novelas também passam pelo crivo da Turma. Para Mafalda, a novela demonstra uma “luta do roteirista para não cair nas garras da inteligência”⁶⁰, ela aliena e faz “emburrecer”. Enfim, além da novela que não permite pensar, a televisão traz o imperativo: beba, coma, compre, manipulando e determinado a vida das pessoas como se elas não soubessem o que são, aliás, concluí Mafalda: elas não sabem (Figura 2).



Figura 2: Mafalda inconformada com a alienação

Fonte: LAVADO (1997, p.372).⁶¹

Das mídias, o rádio é o que a Mafalda mais utiliza, ela gosta de ouvir noticiários, mas frequentemente fica triste com o que ouve ali a respeito dos problemas que o mundo está enfrentando na Guerra Fria. Numa tira na qual o comercial informa que “quem sabe viver bebe uísque X”, o pai, indignado responde à televisão: “e quem sabe viver, mas o salário não permite, bebe o quê?” Mafalda pede desculpas à televisão e diz

⁵⁸ LAVADO (1997, p.274).

⁵⁹ Idem, p.350.

⁶⁰ Idem, p.370.

⁶¹ O conjunto de tiras reproduzido neste segmento tem como fonte: LAVADO (1997). Embora elas tenham sido publicadas em ordem cronológica, não há indicação específica de data em nenhuma delas. Será citada apenas a página de onde elas foram retiradas.

que o pai é um coitado, pois tem “mania de achar que a vida se parece mais com a vida que com os comerciais”⁶². Mafalda faz pensar que há pessoas que acreditam que a vida deve ser ou parecer com os comerciais e, se elas não têm poder de compra, não podem ser felizes. Susanita fala da mídia impressa, comenta que ler fotonovelas é importante para esquecer o que está acontecendo no mundo e não pensar no destino da humanidade, por isso, as fotonovelas são melhores que os livros, conclui ela⁶³.

Com efeito, a ação da mídia é um dos fatores que concorre para a permanência da *alienação*. A televisão ocupa o tempo das pessoas, ela manipula. Esta manipulação, como verbaliza Mafalda, determina ações e visões de mundo que consolidam uma vida de trabalho e consumo. Para Mafalda, a vida se parece mais com a vida que com os comerciais. Há injustiças, desigualdades, fome, competição, desemprego, guerras, enquanto para os comerciais o mundo é um produto perfeito, ambiente perfeito com pessoas perfeitas. Não é real, mas é o que se demonstra na tela, se enxerga e até se acredita.⁶⁴

A análise das tiras cômicas sobre alienação encontra correspondência em Platão, no Mito da Caverna. As pessoas estão aprisionadas em seu modo de ver, ser e fazer de tal forma que as condições do ambiente limitam o campo das idéias e elas criam sombras a respeito da realidade. E a condição de liberdade dos cidadãos seria livrar-se dos grilhões que os prendem às paredes da caverna e das sombras para enxergarem a luz. Entretanto, visualizar algo além do cotidiano pode não ser tão agradável quanto estar alienado. Para tal fala concorre Susanita dizendo que ler fotonovelas é mais agradável que ler livros⁶⁵.

Numa tira, o pai fuma um cigarro sentado no sofá da sala e isto parece que lhe dá um prazer tão grande que chama a atenção da Mafalda. Ela pergunta ao pai o que ele está fazendo. Ele responde que está fumando um cigarro ao que ela rebate: “achei que era o cigarro que estava fumando você”⁶⁶. Quem consome quem? O consumidor consome o produto ou o produto consome o consumidor? Mafalda e Felipe brincam de batalha. Felipe usa um capacete de soldado para a guerra, Mafalda coloca um escorredor de macarrão na cabeça. Quando Felipe questiona que ela não pode ter um capacete

⁶² LAVADO (1997, p.385).

⁶³ Idem, p.301.

⁶⁴ Idem, p.385.

⁶⁵ LAVADO (1997, p.301).

⁶⁶ Idem, p.360.

assim, pois não é eficaz para a guerra, Mafalda diz que os capacetes militares impedem que as idéias sejam livres, assim precisam de capacetes furados e não tão duros e fechados. Capacetes duros e fechados não deixam as idéias fluírem⁶⁷.

Durante a ditadura, o pouco acesso à informação e os costumes de resignação podiam significar ausência de idéias, que não se tinha nada a dizer ou questionar, pois a alienação era grande e se aceitava as duras imposições sociais. Os inúmeros reclames da vida: trabalho, dia-a-dia, cultura, costumes, mídia... tiram o foco do cidadão da realidade política, social e econômica.

b) Capitalismo e Consumismo

Associados à alienação, *capitalismo e consumismo* são categorias analíticas que cabem bem à discussão de uma época bipolarizada pela guerra fria entre o capitalismo e socialismo/comunismo. Mafalda e sua turma fazem vários questionamentos sobre isso.

É o caso de Felipe que aparece muito triste pelo fato de num sistema capitalista os bancos terem mais importância que as bibliotecas e o dinheiro ser mais apreciado que a cultura⁶⁸. Ele questiona como o mundo pode mudar seus hábitos sem alterar o foco ou valorizar o que ainda não está apresentando significativa importância como a cultura. Indignado, pontua que se imprime mais dinheiro que livros. Mafalda pergunta a ele se suas idéias não são ingênuas. Manolito afirma veemente que as idéias de Felipe não são ingênuas e sim perigosas⁶⁹. Como liberal Manolito torna evidente que seria perigoso para o sistema capitalista ler mais que consumir.

O imaginário político expresso nas tiras cômicas sobre capitalismo e consumismo encontra correspondência em Arrighi⁷⁰. Conforme este autor, a fonte de riqueza e poder nos estados ocidentais, no decorrer da história, esteve fundamentada na sinergia entre capitalismo, industrialismo e militarismo. Sinergia fundamental para

⁶⁷ LAVADO (1997, p.149).

⁶⁸ Idem, p.18.

⁶⁹ Idem, p.16.

⁷⁰ ARRIGHI (2008).

enfraquecer a parte não ocidental do mundo visando a competição, a acumulação ilimitada e a propriedade privada. Esta dinâmica capitalista pode explicar porque é mais importante imprimir dinheiro do que livros ou ter mais bancos na sociedade do que bibliotecas como questiona o personagem Felipe em algumas das tiras cômicas. A lógica da acumulação desenfreada desenvolve e congela focos de comportamentos sobre o que deve ser mais importante na vida. Consumir vem em detrimento de questões sociais, culturais e políticas. Como sustenta a literatura pertinente, num sistema capitalista não se questiona a importância da propriedade privada. Entretanto, questiona-se a desigualdade social. Mas autores de esquerda costumam indagar: Como ter igualdade com propriedade?

Os desejos e necessidades fundados no Capitalismo levam à liberdade de acumulação tal como é livre o comércio, entretanto, o consumo não é para todos. Isso fica evidente nas falas de Mafalda. Com a livre iniciativa, livre competitividade, pode-se vender de tudo. Vende-se do necessário ao supérfluo e as relações tendem a ser de interesse e superficiais. O individualismo é uma consequência e uma ratificação das engrenagens liberais. Quando se fala em política, entendida como toda ação que visa o alcance do bem-comum, os conceitos de capitalismo, individualismo, cidadania e democracia parecem não rimar.

Esta análise se inspira e pode ser ratificada pela tira em que Manolito conversa com Felipe sobre um novo gibi. Felipe menciona que o Cavaleiro Solitário (título da revista em quadrinhos) vai salvar os apaches do cara mau que quer vender armas para eles. Manolito muito brabo responde: “E quem este mascarado pensa que é para tolher a liberdade de mercado?”⁷¹ Outra tira no mesmo sentido é uma em que Manolito oferece um caramelo a Mafalda. Ela fica feliz e agradece ao que ele responde: “É uma gentileza do armazém do meu pai que vende muito barato.” Mafalda cospe o caramelo e diz que isto se chama interesse. Manolito responde que “em linguagem poético-comercial chama-se relações públicas”⁷².

⁷¹ LAVADO (1997, p.30).

⁷² Idem, p.35.

As relações públicas entendidas como a “gestão da função organizacional política”, como diz Simões⁷³, estão pautadas numa estrutura de poder. Esta estrutura institui comportamentos, costumes e, portanto, cultura que ratifica e mantém o sistema capitalista. Usando a sinergia proposta por Arrighi para empoderar a acumulação desenfreada no ocidente após a segunda guerra mundial, pode-se chamar à discussão Mills⁷⁴ quando descreve que esta estrutura de poder conta com poderosos agentes de decisão. Eles são a *Elite do Poder*. Esta elite está composta por grupos distintos, mas conectada com dirigentes de empresas, líderes políticos e chefes militares. Estas elites, segundo Mills, associam-se para controlar a sociedade e radicar as relações sociais estabelecidas. Desta forma, uma mudança social implicaria também em mudança institucional. Não é suficiente a Turma da Mafalda questionar atitudes como a do Manolito com seu caramelo publicidade e sua bandeira da liberdade de mercado onde se pode vender de tudo: armas, ideologia, ética. Para Mills, não é possível desconsiderar o papel das elites na transformação social, numa mudança que altere significativamente cultura política.

A inquietação com o problema do consumismo aparece diversas vezes e é bem expressiva em uma tira na qual Mafalda pergunta se há comida na Índia e se isto não deveria ser uma preocupação mais recorrente do que adquirir coisas. Isso leva Mafalda a fazer um trocadilho entre as palavras saciedade e sociedade, depois de desligar a televisão dada sua indignação com o apelo ao consumo veiculado pela mídia. Na Figura 3 se encontra o registro da atitude indignada de Mafalda e a reflexão que a menina faz em função do conteúdo da propaganda veiculada na televisão.

⁷³ Esta definição de Roberto Porto Simões, considerado um dos principais teóricos de relações públicas do mundo, está disponível em: < http://www.rp-bahia.com.br/o_que_sao.htm>. Consultado em: 06/11/2009.

⁷⁴ MILLS (1975).



Figura 3: Mafalda e a sociedade de consumo

Fonte: LAVADO (1997, p.411).

c) Classe Média e Classes Sociais

Nas tiras selecionadas para o enfoque das classes sociais a turma da Mafalda vai falar sobre a situação econômica de suas famílias, refletindo a realidade do povo argentino na década em que as tiras foram veiculadas, 1964-73, o que não difere significativamente do contexto latino-americano da época, período imediatamente posterior a este ou da atualidade.

No Brasil, Luis Fernando Veríssimo desenha a saga da classe média do país através da “Família Brasil”. Um pai com profissão ignorada e com muitas dificuldades para dar conta do sustento de todos: uma mãe dona de casa, que mais escuta que opina, uma filha que tem o amor acima de tudo e impõe um genro na família e um neto questionador a respeito das coisas e do mundo. Nas tiras *dAs Cobras*, Veríssimo vai discutir amplamente sobre política, filosofia existencial, sexo, economia e cotidiano nacional numa crítica irônica e sagaz. São textos de 1975 a 1997 que incluem personagens, além das duas cobrinhas, o Queromeu – o corupção corrupto; Dudu o alarmista; Durex, o adesista – sempre a favor do governo que estiver no poder; as lesmas Flecha e Shirley. Tudo isto num cenário do Brasil dos anos de 1970 até os dias atuais, retratando de início o contexto da ditadura e depois o de construção da democracia. “Minha fonte de inspiração são os problemas e as perplexidades da classe

média brasileira”⁷⁵ – advoga Veríssimo em uma de suas entrevistas sobre o Livro *As Aventuras da Família Brasil*, no qual fotografa a política e a situação cotidiana da “classe média” brasileira.

Retornando a Turma da Mafalda, o cotidiano familiar retratado por Quino, aparece em várias de suas tiras. Numa delas Mafalda pergunta à mãe se sua família leva uma vida decente ao que a mãe responde que sim. Mafalda então pergunta novamente: “decente para onde?”⁷⁶. Noutra tira, a mãe questiona o custo de vida, que o dinheiro não dá conta de comprar o suficiente para suprir todas as necessidades do lar. Protesta dizendo que os comerciantes têm permissão para cobrar o preço que quiserem. Conclama onde estão comerciantes, intermediários e autoridades que não ouvem a voz de quem reclama, alegando que eles só escutam a si mesmos⁷⁷. Mais adiante, Mafalda mostra seu sapato furado para a mãe. A mãe mostra o sapato para o pai que mostra para a mãe a prestação do carro. Mafalda continua com o sapato furado⁷⁸.

As limitações da classe média quanto ao consumo evidenciam-se uma vez que esta opta por alguns bens e produtos em detrimento de outros. A demarcação do título como *classe média e classes sociais* fundamentou-se na objetiva definição de classe como uma decorrência da desigualdade social liberal. O aparecimento da sociedade capitalista, democrático-burguesa, após o século XIX, trouxe o uso deste conceito no sentido estrito do advento da burguesia comercial. Na passagem da idade moderna para a contemporânea, a burguesia nascente reivindicou direitos de cidadania, de liberdade, de mercado, de livre-iniciativa, de livre competitividade a fim de universalizar o dinheiro e transformar a terra, antes fonte de riqueza, em capital. Historicamente, a burguesia deflagra o advento do liberalismo econômico. E o surgimento da classe social aparece como fruto de uma sociedade desigual. Como Karl Marx foi o intelectual que formalmente fez a primeira elaboração teórica do conceito de classes sociais, costuma-se pensar este termo com fundamento do modo de produção capitalista ou socialista e da relação social com os meios de produção. Esta relação gera basicamente duas classes: a burguesia e o proletariado. Neste trabalho não compete revisar o conceito marxista, mas

⁷⁵ Entrevista de Veríssimo a Ubiratan Brasil disponível em: Caderno 2/Cultura, do jornal *Estado de São Paulo*, 15/05/2005.

⁷⁶ LAVADO (1997, p.156).

⁷⁷ Idem, p.168.

⁷⁸ Idem, p.274.

usar a noção de classe no estrito sentido de uma distinção social baseada na questão econômica, na capacidade de aquisição de bens materiais.

Recorrente a este conceito aparece uma tira na qual Miguelito diz a Mafalda que conhece a teologia do endividado, que é quando o pai vai dormir e fica dizendo para si: “Ai, meu Deus!”⁷⁹ Noutra tira, Liberdade expressa como é triste entender que as férias nem sempre são exatamente o número de dias que os pais tiram de recesso, pois não se sabe se o dinheiro durará exatamente para este número de dias⁸⁰. O eterno medo de aumentar o custo de vida sem aumentar o salário é característica de uma sociedade competitiva e desigual. Quando se observa as famílias da Turma da Mafalda, percebe-se que suas condições de classe estão relacionadas ao trabalho excessivo para o sustento e poucas oportunidades de desfrute. Férias, viagens, aquisição de roupas e calçados além do necessário e outras pequenas regalias são um luxo, em grande parte, para as classes trabalhadoras. Mafalda expressa essa realidade em sua oração na hora de dormir, como registrado na Figura 4.



Figura 4: Mafalda e o ‘Estado’ das coisas

Fonte: LAVADO (1997, p.274).

Segundo Cremonese⁸¹, a idéia de consolidação da cidadania origina na idade moderna. Nela o conceito moderno de cidadania faz emergir os direitos naturais como o direito à vida, à propriedade e à liberdade. Estes caracterizam os ideais burgueses que após as revoluções liberais na Inglaterra, Estados Unidos e França dão garantia a estas conquistas via “Declarações de Direitos”, consolidadas nestas revoluções e nas cartas

⁷⁹ LAVADO (1997, p.275).

⁸⁰ Idem, p.355.

⁸¹ CREMONESE (2008).

constitucionais de diferentes países. Assim, se a propriedade é um direito natural da vida em sociedade e da cidadania, questiona-se o quanto são cidadãos os que, mesmo trabalhando por extensos períodos diários, não conseguem adquirir bem algum?

Carvalho⁸² reflete em consonância com essa visão quando pontua que o renascimento liberal trouxe sintomas perturbadores à consolidação da cidadania. Para ele, a cultura do consumo reivindica o direito de consumir e não de ser cidadão. Assim, se o direito de adquirir coisas consegue silenciar ou acautelar a militância política, “as perspectivas de avanço democrático se vêem diminuídas”. Segundo o mesmo autor, a cultura do consumo dificulta o processo de aceleração da cidadania no sentido do sistema representativo efetivar caminhos que impliquem na “redução da desigualdade e no fim da escravidão dos brasileiros que vivem em castas separadas pela educação, pela renda, pela cor.” A desigualdade impede a construção de uma sociedade efetivamente democrática.

Pela lógica das classes sociais, a sociedade já distingue os que têm direito a um consumo privilegiado e aqueles a quem pode servir qualquer produto. Nesse sentido, Susanita conversando com Mafalda verbaliza: “fico com a alma despedaçada de ver gente pobre, pode crer. Por isso, quando formos senhoras vamos ficar sócias de uma instituição de ajuda aos necessitados e vamos organizar banquetes com frango, peru, leitão e tudo isso! Assim arrecadaremos fundos para poder comprar para os pobres farinha de trigo, macarrão e aquelas porcarias que eles comem.”⁸³ Se o reino dos céus só tem pobres, Susanita mostra que prefere economizar para não ir para o céu⁸⁴. Diz ela que a culpa dos pobres serem pobres é deles, mas ela sabe que nem todos fazem isto por maldade⁸⁵. Todos deveriam ser iguais perante a sociedade, mas a Mafalda não dorme querendo entender a dúvida: “iguais a quem?”⁸⁶ As desigualdades sociais são tão gritantes que dói na alma (Figura 5).

⁸² CARVALHO (2002, p.228).

⁸³ LAVADO (1997, p.218).

⁸⁴ Idem, p.338.

⁸⁵ Idem, p.342.

⁸⁶ Idem, p.83.



Figura 5: Mafalda contra injustiças sociais

Fonte: LAVADO (1997, p.218).

d) Democracia e Ditadura

Num contexto como o da América Latina onde se mesclaram regimes democráticos e ditatoriais, estes temas se fazem presentes indicando conquistas, avanços e retrocessos. Numa tira cômica Mafalda vê um militar passar, depois um operário, depois um religioso, quando passa um gato ela volta para a casa vai até sua mãe e questiona: que “setor da democracia os gatos representam?”⁸⁷ Noutra, Mafalda olha para o céu e vê nuvens, ela quer brincar de definir os formatos. Olha para uma grande nuvem que vai desaparecendo a cada quadro até sumir e tenta definir com o que se parece. Chega à seguinte conclusão: “parece com os ideais democráticos.”⁸⁸

Nos anos de 1960 e 1970 a democracia aparece como uma oposição à ditadura. Atualmente, mesmo que a democracia seja o eixo do debate político-intelectual na América Latina, ela carece de um significado estável, denso, palpável, realizável. Neste sentido, como advoga Lechner⁸⁹ nos anos 80 a definição de democracia permanecia como noção de antiautoritarismo. Embora neste período se tivesse consciência das transformações em curso, focalizam-se separadamente problemas da democracia e mudanças sócio-econômicas. Atualmente, a reorganização das sociedades latino-americanas está migrando da matriz estadocêntrica de administração pública para uma

⁸⁷ LAVADO (1997, p.6).

⁸⁸ Idem, p.379.

⁸⁹ LECHNER (2004).

matriz mercadológica de desenvolvimento do Estado. Assim, advoga o autor, esta mudança não é só econômica, mas cultural e mental, pois, transformou a forma de pensar as relações entre os processos econômicos, formas políticas e o que chama de pautas mentais.

A turma da Mafalda questiona se todos os setores da sociedade estão representados na democracia, afinal, a possibilidade desta se consolidar depende dos processos includentes de cidadania. A inclusão que não é apenas econômica, mas cultural e de direitos políticos e sociais. Se democracia, por definição é o regime onde o povo exerce soberania, por que na prática isto não acontece? Há uma distinção entre forma e conteúdo. Apesar disso, Mafalda consulta o dicionário para entender o significado da palavra democracia, como se pode ver retratado na Figura 6.



Figura 6: Mafalda e a definição de democracia

Fonte: LAVADO (1997, p.323).

Sobre o regime ditatorial, algumas tiras ponderam o que segue: Mafalda tira a chupeta do Guile e ele grita sem parar. Mafalda pensa então: “Se todo mundo usasse o pulmão e protestasse os ditadores ficariam atrapalhados”⁹⁰. Noutra tira, Mafalda vai com Miguelito até um policial militar de rua e mostra o cacete dele para Miguelito dizendo: “este é o pauzinho de esmagar ideologias”⁹¹. Na tira seguinte, Mafalda passeia com o Guile pela rua e encontra um militar em posição de sentido guarnecendo um caminhão bélico com uma espécie de arma no seu teto. Guile pergunta: “E esse caminhão com manguela?” Mafalda olha e responde: “É para o caso de ter violência semeada, Guile. Para arrancá-la pela raiz. Mal aparecem os brotos esses homens os

⁹⁰ LAVADO (1997, p.202).

⁹¹ Idem, p.260.

regam. Como método agrícola é um pouco contraditório. Mas há tantas coisas contraditórias que não vale a pena se preocupar.”⁹²

No que concerne ao contexto latino-americano, as ditaduras militares podem ser caracterizadas pela concentração de poder no Executivo, pela ilimitada condição de construção e regulação da lei ou pela vontade pessoal ou oligárquica do poder. Para o que colaborou a elaboração de instrumentos coercitivos para domínio social como a tortura, a presença da polícia recorrente e controladora, o terror, as propagandas ufanistas. Em contrapartida, o Estado Autocrático buscou aparentar crescimento econômico nacional com construção de obras públicas e a elaboração de políticas públicas para as classes empobrecidas da sociedade. O conjunto destas ações segundo Bava⁹³ desarticulou a capacidade de autonomia da cidadania em expressar-se e fundou uma política baseada numa modernização autoritária que conferia benefícios como concessões outorgadas pelos poderosos. Cidadania nessas circunstâncias não poderia se solidificar, pela perda do senso de sua essência no esvaziamento da participação, pela alienação dos processos decisórios, pelo fato das pessoas serem impedidas ou desestimuladas de se organizar e interagir como sociedade civil, além de não poder eleger.

Uma das tiras significativas que sugere a ausência de voz e vez, fundamentada na conformidade e passividade, é a que apresenta Mafalda passeando pela praça onde dois senhores idosos conversam sentados num banco. Um deles está dando seqüência a uma conversa: “... nem honestidade cívica, nem nada.” Ao que o outro responde: “Hoje não há mais homens, seu Joaquim, não há mais homens.” Mafalda atravessa-se na conversa e diz: “Ah, não? E o meu pai o que é? Um saxofone?” Muito contrariado um dos idosos argumenta: “Na sua idade sabíamos respeitar os mais velhos!” O outro complementa: “E quando eles falavam, nós calávamos a boca.” Mafalda sai correndo e se escondendo atrás de uma árvore, observa os idosos e resolve chamá-los: “Psst! Não seria porque vocês não tinham nada para dizer.”⁹⁴ Outra tira a expor o esvaziamento de falas é uma na qual Mafalda conversa com sua mãe, dizendo: “Às vezes você não sente como se houvesse um inquilino dentro de você que fica dizendo coisas?” A mãe responde: “Claro, mas não é inquilino. É a consciência que diz coisas para todos nós

⁹² LAVADO (1997, p.371).

⁹³ BAVA (2000).

⁹⁴ LAVADO (1997, p.333).

como para você.” Mafalda reflete e responde: “Para mim sim... mas imagine se a consciência de um general vai se atrever a dizer coisas para ele.”⁹⁵

Na ditadura militar, em geral, as pessoas não falavam por motivos que vão além da coerção e do medo da força física. A censura não permitia que a informação dos acontecimentos circulasse. Como falar ou fazer um juízo do que se desconhece? Por conseguinte, organizar-se e participar não faz sentido porque não se efetiva. Cidadania rima com democracia em todos os sentidos. Mafalda desnuda a questão da tortura em uma analogia com as atividades dos porões das ditaduras e de operários consertando uma pista asfaltada, como consta da Figura 7.



Figura 7: Mafalda e o uso da força

Fonte: LAVADO (1997, p.175).

e) Governo e Política

As tiras classificadas como *governo e política* fazem referência à ordem administrativa institucionalizada e à forma como a política é percebida. A princípio será colocado o que a Turma da Mafalda entende e desentende sobre governo e, na seqüência, suas pontuações sobre a política.

Sobre *governo*, as tiras pontuam os mais diversos aspectos. Numa tira, Miguelito e Mafalda assistem atentamente à televisão quando é informado pelo

⁹⁵ LAVADO (1997, p.217).

noticiário: “O governo não deixa de ouvir as razões dos que questionam a citada lei. Mas adverte que os interesses de um setor não poderão impedir que a Lei seja aplicada com todo rigor.” Ao que Miguelito imediatamente responde: “Isso que é segurar o pirulito pelo palito. Hein?!”⁹⁶. Os mecanismos de controle do Estado também são pontuados em outra tira na qual Mafalda está sentada na entrada do prédio onde mora, olhando para a rua. Passam dois senhores conversando e um diz: “Não dá para saber o que o governo fará para se manter forte.” Logo em seguida, passa pela rua um caminhão militar cheio de homens fardados. Mafalda olha e pensa: “Bom, agora mesmo passou por aqui um vidro de vitaminas.”⁹⁷

Governo é um termo que cabe à discussão do papel político que as tiras cômicas de Quino cumprem. Aqui, a forma como ele foi disposto, anterior ao termo *política* tem o propósito de ver como o conjunto de integrantes do poder político orienta a condução da política. Vale lembrar que pessoas e órgãos que compõem o governo exercem juntos o poder. Os órgãos representam a forma articulada do exercício de poder. Governo é a forma de exercício da organização política do Estado tanto na sua tarefa interna como na relação com o mundo ou outras comunidades políticas. Ele deve defender os interesses do Estado que representa no confronto com outras sociedades políticas. Polícia, exército, prisões são instrumentos do poder sobre os quais se apóiam os governos em maior ou menor grau dependendo do regime e intenções de seus agentes.

Para o contexto da Argentina e Latino América do período das tiras cômicas, Mafalda expressa claramente que a “vitamina” para um governo ficar forte é a ameaça do uso da força militar. Enriquecendo a discussão, Bobbio adverte que “um governo é forte quando se baseia no consenso, enquanto nenhum governo poderia subsistir por longo tempo se tivesse que se impor pela força.”⁹⁸ Na realidade do contexto das tiras de Quino, os governos autoritários não se sustentaram por longos períodos, o que ratifica esta proposição. Bobbio ainda enuncia que tanto o liberalismo como a democracia e o socialismo ajudaram a ampliar a base social do poder e a humanizá-lo. Ademais, diz que a “força e o consenso são duas alternativas dialéticas que definem o governo.” Historicamente, do Estado Moderno para a atualidade, foi recorrente o uso do governo central, com monopólio da força, como um atributo do próprio Estado e das autoridades

⁹⁶ LAVADO (1997, p.228).

⁹⁷ Idem, p.338.

⁹⁸ BOBBIO (1995, p.554).

de governo que entendiam a garantia de hegemonia de poder pelo uso da força. Entretanto, advoga Huntington⁹⁹ se “a governabilidade de uma democracia depende do relacionamento entre a autoridade de suas instituições de governo e da força de suas instituições de oposição”, o consenso é a alternativa de condução das diretrizes de Estado pelo governo. É ele que efetivamente legitima as ações institucionais e as suas políticas públicas. Legitimidade não pela coesão ou coerção, mas com o apoio popular, situação na qual as decisões governamentais encontram ressonância na sociedade.

Voltando a falar das tiras, nota-se que a legitimidade de governo é pequena pelas críticas da Turma. Mafalda olha para o rádio e conversa com a mãe: “Estou com medo de ligar o rádio. Seria muito triste ouvir o noticiário e ver que durante todos os dias em que estivemos de férias o mundo não melhorou nada.” Raquel, depois de ouvir atentamente, sai de cena levando roupas para lavar e responde caminhando: “Para ele melhorar, os que governam assim é que deveriam ter tirado de férias.”¹⁰⁰ Mafalda pensa sobre a resposta e pega caneta e papel para pedir autógrafa para a mãe.

Noutra tira, conversam Miguelito e Mafalda. Ele diz: “Eu acho, como todo mundo diz, que ninguém sabe governar. Por que a universidade não cria a carreira de presidente? As pessoas iam sair sabendo como se deve governar e pronto!” Mafalda escuta e responde: “E quem seriam os professores?” Passa um quadrinho da tira onde eles se olham sem nenhuma fala e no próximo quadrinho Miguelito diz: “Quer uma bala de menta? Meu avô comprou um pacote de balas de menta, quer? São de menta.”¹⁰¹ Termina a tira com a Mafalda olhando para ele sem nada dizer. Na tira seguinte, aparecem Mafalda, Manolito e Felipe sentados à mesa quando Raquel pergunta: “Do que vocês estão brincando?” Os três em coro respondem: “De governo.” A mãe recomenda então: “Bom, nada de bagunça, hein?” Mafalda responde: “Não se preocupe, não vamos fazer absolutamente nada.” Os três aparecem debruçados com os pés sobre a mesa.¹⁰²

Discutir o que seria o bom governo passa, necessariamente, pela controvérsia do que é o mau governo. Os períodos autoritários na América Latina, em geral, legaram a idéia da realização de obras públicas como sinônimo de bons governos. E, embora esta

⁹⁹ HUNTINGTON (*apud*, BOBBIO, 1995, p. 548).

¹⁰⁰ LAVADO (1997, p.279).

¹⁰¹ *Idem*, p.346.

¹⁰² *Idem*, p.6.

não seja hoje a única definição de qualidade governamental, ainda detecta-se que quanto mais atrasados forem os agentes de governo e seu povo, mais o conceito obrista é forte. A fragilidade das democracias também pode levar a estes equívocos de aceção. A Turma da Mafalda fala na necessidade de qualificação do corpo governamental e da inércia latente das autoridades políticas. Lechner¹⁰³ conclama que, para a política, a sociedade precisa ser interpretada como um “sistema auto-regulado” através de “redes políticas” (com agentes sociais, políticos, frações) de maneira a fazer com que as decisões sejam acordos negociados que visam benefícios mútuos. Evidentemente, um governo com tamanho consenso implicaria, necessariamente, no advento de uma outra cultura política onde a participação e a informação do cidadão fossem primordiais. Esta forma de perceber o mundo não foi muito comum no contexto das tiras cômicas da Mafalda.

Nas tiras são encontradas algumas proposições a esse respeito como a que Mafalda formula depois de encher um copo com água, pegar uma cadeira e sentar-se frente à poltrona onde o pai lê o jornal para questioná-lo: “Sou toda ouvidos, papai. Pode me explicar por que em vez de mudar as estruturas, todos só ficam remendando as peças.”¹⁰⁴ O pai fica olhando sem responder.

Noutra tira, Miguelito vai visitar Mafalda em sua casa e pergunta: “Oi, a Susanita disse que você tem uma tartaruga e eu vim ver. Que nome você deu para ela?” Mafalda responde: “Burocracia.” Miguelito espantado interroga: “Burocracia? Mas que nome! Por que burocracia, hein?” Mafalda coloca a tartaruga sobre o “puf” da sala e o bichinho está dentro do casco. Miguelito pergunta: “E então?” Mafalda responde: “Já está fechada, talvez se você tivesse vindo antes...” Miguelito indignado diz: “Como assim? Hoje não dá mais? Que absurdo. Eu vim especialmente!” Mafalda responde: “Sinto muito, vai ter que ser amanhã. Hoje é impossível.” E Miguelito: “E amanhã? Que horas mais ou menos?” Mafalda: “Bom. Aí, já não posso informar direito.” Miguelito: “Tá...! Tudo bem. Volto amanhã.” No próximo quadrinho, aparece Miguelito retornando para a casa e pensando: “Afinal não fiquei sabendo por que aquele nome.”¹⁰⁵ Noutra tira aparece Mafalda olhando sua tartaruga Burocracia e pensando: “Ela é o taxi onde viajam as soluções de governo”.

¹⁰³ LECHNER (2004).

¹⁰⁴ LAVADO (1997, p.312).

¹⁰⁵ Idem, p.283.

Para a Turma da Mafalda o governo não desenvolve nada significativo. Fica institucionalizado por uma burocracia restritiva e ineficaz. Os programas de governo não resolvem as graves desigualdades sociais. A comparação que Mafalda faz entre a paisagem vista do trem e ações dos governantes pode ser utilizada para compor esse quadro (Figura 8).



Figura 8: Mafalda e o cenário social

Fonte: LAVADO (1997, p.67).

Consoante à discussão sobre democracia e a analogia do trem, fica o questionamento, a indignação e a forma declarada e humorada de protesto. Nesta seara, entra a discussão sobre *política* que é principal atividade do Estado na sua relação com o poder.

As tiras que fazem referência ao termo *política* são várias. Mafalda e sua turma traçam severas análises, entre elas, uma na qual Mafalda aparece indo rumo a uma cadeirinha de madeira para discursar. Ela sobe e começa a fazer o seguinte discurso: “Quero felicitar os países que lideram a política mundial. Então espero que um dia haja motivos para isso.”¹⁰⁶ Noutra tira, Mafalda está sentada escutando seu rádio que diz: “Todos sabem queridos amiguinhos a que nível a humanidade chegou graças à técnica...”. Mafalda escuta, faz uma expressão pensativa, desliga o rádio e diz: “E a que nível graças à política.”¹⁰⁷ Mais uma tira onde Mafalda pensa: “União bonocrática?” Noutro quadrinho, no balão de pensamento está escrito: “Ação cívica bondadista?”

¹⁰⁶ LAVADO (1997, p.163).

¹⁰⁷ Idem, p.299.

Segue: “Bondadismo popular independente?” E por fim: “Por que será que a bondade soa tão mal junto da política?”¹⁰⁸

Anterior à Aristóteles e mais incisivamente a partir de sua obra *A Política*, o conceito de política representa aquilo que é civil, da cidade, do público, do social. Da política deve partir a proposição, desenvolvimento, manutenção e alcance dos interesses de determinado grupo social. Nela deve residir a responsabilidade pelo bem-comum. Institucionalmente, a política é feita pelo Estado a partir dos governos. Neles, partidos e poderes de Estado concorrem para a tomada do poder e a possibilidade de fazer política. Assim, se a política é entendida como a construção da ordem social institucionalizada, ou seja, como uma ordem social dada, é possível deduzir que ela não é uma construção conjunta do Estado com a sociedade. A Turma da Mafalda traça suas censuras pela ordem produzida nas esferas do Estado sem participação popular. Não aparece a cidadania. O contexto das tiras parece focar a condição do cidadão como receptor de uma ordem social programada e não discutida, não agregada de discussões mais amplas que envolvam a opinião pública. Opinião aqui que não venha somente pela via do voto.

A respeito disso, Lechner¹⁰⁹ propõe que haja uma transformação da política na América Latina partindo de sua significação. Ela deve refletir a construção de uma ordem social produzida por todos os setores sociais. Precisa deslocar seus limites nacionais e exclusivamente econômicos para poder relacionar-se com as dinâmicas externas da globalização, da responsabilidade ambiental e da paz. Quando a Mafalda verbaliza que “bondade” não rima com a política parece que a prática dos governos esvaziaram o verdadeiro sentido dela.

A Turma da Mafalda lança uma sequência de questionamentos sobre política em várias tiras cômicas. Segue a reprodução das mesmas: “Precisa-se empurrar o país para a frente, mas como?”¹¹⁰ Se as leis nem sempre funcionam, por que os políticos atrapalham mais a política que a realizam? A política é mais um jogo de acusações que um conjunto de realizações, sem contar as manipulações. Como ser representado entre os países que lideram a política mundial? Por que não há motivos para felicitar os que lideram a política mundial?¹¹¹ Política não deveria rimar com bondade? O Governo

¹⁰⁸ LAVADO (1997, p.336).

¹⁰⁹ LECHNER (2004).

¹¹⁰ LAVADO (1997, p.53).

¹¹¹ Idem, p.163.

resolve problemas ou governa?¹¹² Ou faz os dois juntos? Ou como faz? As pessoas não participam porque passam o dia na luta por sua sobrevivência ou enredadas em seus costumes culturais que não incluem a política. Também tem a reticência de não saber se votar será eficiente mesmo.¹¹³ Os políticos são todos bons atores e dizem que o espetáculo é divertido.¹¹⁴ Como ter ânimo quando geralmente o quadro político é muito ruim.”

Segundo Shwartzberg, o Estado é uma empresa de espetáculos onde os dirigentes encenam papéis personalizando o poder, criando uma “máscara de teatro”¹¹⁵ (tradução em Latim da palavra *persona*). Esta empresa serve para iludir, divertir, distrair ou desviar os cidadãos. “De abstrata a arte política se faz figurativa.”¹¹⁶ Existe um mal-estar em relação à política e este fenômeno gera a configuração de uma cultura nacional de inércia, conformidade e descrédito. A mídia ajuda a construir esta imagem e opinião pública quando o que é transmitido recorrentemente por ela é negativo. O desafio é grande, pois, não compete apenas melhorar as ações políticas institucionais, mas a forma como seu povo a percebe e sua inclusão num processo participativo.

A Turma da Mafalda parece perceber a política como uma instância máxima de poder capaz de conduzir e proteger a todos. Mas, se o Estado não consegue dar conta disso, isso só pode resultar em frustração. Conforme Lechner, para o senso comum a política deveria oferecer um projeto ou um horizonte de futuro. Futuro que tornasse o presente inteligível e previsível. Em contrapartida, as pessoas esperam que a política as proteja contra os avatares do destino. Que esta lhes garanta não só a integridade física e econômica como um referencial de certeza. Assim, advoga Lechner¹¹⁷, a política institucionalizada causa mal-estar. Os cidadãos não confiam nela porque da maneira que está não controla os processos sociais. Quando Mafalda afirma que “... o drama de ser presidente é que quando ele começa a resolver os problemas do Estado, não sobra tempo para governar” (Figura 9), ela deixa claro que uma política que se restringe ao manejo da contingência gera insegurança porque o futuro torna-se imprevisível. Diz Lechner, oprimido, o cidadão acaba por abominar ou depreciar a política que o traiu.

¹¹² LAVADO (1997, p.381).

¹¹³ Idem, p.394.

¹¹⁴ Idem, p.24.

¹¹⁵ SHWARTZENBERG (1977, p.10).

¹¹⁶ Idem, p.9.

¹¹⁷ LECHNER (2004).



Figura 9: Reflexões sobre o ato de governar

Fonte: LAVADO (1997, p.381).

Outra tira a ser mencionada é uma na qual Mafalda diz à Liberdade: “Não entendo o seu pai, Liberdade. Sabe em quem vai votar, acha que o candidato dele vai ganhar... e não está contente?” Ao que responde Liberdade: “Não. O coitado anda com uma cara.” E Mafalda pergunta: “Mas... por quê? Acha que não vão deixar o candidato dele governar?” E Liberdade diz: “Às vezes acha que não, então o coitado fica com uma cara. Outras vezes acha que vão deixá-lo governar. Aí o coitado também fica com uma cara!” Mafalda enfurece e grita: “Mas caramba! Se este candidato o incomoda tanto, por que não resolveu votar em qualquer um dos outros?” E Liberdade serenamente responde: “Ele pensou nisso. E o coitado ficou com uma cara.” A tira termina com Mafalda olhando inconsolada para o horizonte.¹¹⁸

Diante do exposto, cabem dois questionamentos: que democracia é esta e que cidadania é esta? Uma democracia forte pressupõe basicamente algumas inferências. Segundo Touraine¹¹⁹, ela não pode vir de cima para baixo ou pelo poder autoritário; não pode partir de baixo de forma violenta, via guerra civil ou caos; assim como não pode partir de si mesma “pelo controle exercido sobre o poder pelas oligarquias ou partidos que acumulam recursos econômicos ou políticos para impor suas escolhas a cidadãos reduzidos ao papel de eleitores.” Decorre daí o ponto de partida das democracias. Considerando que a opinião pública é o fundamento das democracias; considerando que de forma institucional a opinião é expressa apenas pelo voto e considerando que as opções eleitorais estão dadas, questiona-se: não é tudo um engodo? É de ficar com uma

¹¹⁸ LAVADO (1997, p.394).

¹¹⁹ TOURAINE (1996, p.18).

cara! Evidentemente, esta fala da tira não cabe a todos os países democráticos em todas as épocas, mas ela traz um questionamento de práticas que são vigentes até hoje.

f) Humanidade

Este espaço de tiras cômicas fala de pessoas e suas relações. Nele aparecem as fraquezas e potencialidades das distintas personalidades da Turma da Mafalda que encontram ressonância na sociedade atual. Um espaço humano que faz pensar costumes, cidadania e participação política no contexto da cultura política.

As tiras que grafam a palavra *humanidade* a situam a partir da seguinte proposição: Mafalda pergunta a Felipe e Manolito para onde a Humanidade está indo. Começa uma discussão entre os meninos. Cada um diz que é para um lado. Eles continuam se colocando em voz alta e agora cada um sabe onde é a frente do caminho. Depois de muitas discussões sem nenhum consenso, Mafalda afirma: “Estou começando a entender porque é tão difícil a humanidade ir em frente.”¹²⁰

Noutra tira Mafalda e Felipe conversam quando passa o pai de Mafalda. Eles dizem: “Era preciso começar de novo para ver se dá certo.” Ao que o Felipe responde: “Também acho.” O pai curioso pergunta: “Do que vocês estão brincando?” Mafalda responde: “De nada, estamos falando da humanidade.”¹²¹ Na próxima tira, Mafalda passeia pela rua e encontra Felipe encostado numa árvore e ele lhe diz: “Olá Mafalda sempre preocupada pensando para onde vai a humanidade?” Mafalda responde: “Não. Supõe-se que não haja ninguém esperando por ela em lugar nenhum, não é?”¹²² Mafalda vai embora e Felipe senta no chão pensativo e triste. Na tira seguinte, Mafalda está com a Liberdade olhando formigas passeando nas folhagens: “As formigas vivem hoje da mesma maneira como viviam há mil anos. E tão satisfeitas!” Noutro quadrinho diz: “Com a Humanidade, em compensação, muita evolução, muita técnica, muita ciência e cada vez mais confusão.” Passa um quadrinho as duas só olhando as formigas sem dizer

¹²⁰ LAVADO (1997, p.31).

¹²¹ Idem, p.116.

¹²² Idem, p.395.

uma palavra. No próximo quadrinho Liberdade fala: “Isso que você acabou de dizer é tão certo que não serve para nada.”¹²³

Mais uma tira com a palavra humanidade: Raquel, mãe de Mafalda, está vestida de biquíni em frente ao espelho e chorando muito....Mafalda chega e pergunta: “O que foi mãe? Por que você está chorando?” Ela responde: “Porque depois do verão passado engordei muito e estou horrível de biquíni.” Mafalda responde: “Eu poderia dizer que mais da metade da humanidade não pôde engordar um grama porque não tinha o que comer.” Passa um quadrinho e Mafalda continua: “Mas você está precisando é de consolo e não de passar por estúpida, não é?”¹²⁴ Noutra tira, por fim, Mafalda aparece andando para trás e Miguelito observa sem entender. Logo pergunta: “O que foi Mafalda ficou louca?” Mafalda rebate: “A gente tem que caminhar com a humanidade Miguelito, caminhar com a humanidade.”

A perspectiva de *humanidade* compartilhada pela Turma da Mafalda parece estar esvaziada, politicamente, de conteúdo social, solidário, de reivindicação de direitos, de mudança. Pelo contrário, parece estar vinculada a uma noção de passividade e superficialidade. Mas, por que isto acontece? Falta de informação? De escolaridade? Falta de um projeto público que permita ao trabalhador ter espaço para a cidadania? Ter tempo para participar das decisões que dizem respeito à sua sociedade? Enfim, a Turma sugere que a não-participação política está submetida a alguns condicionantes do cotidiano. Segundo Baquero e Prá¹²⁵, estes condicionantes seriam: a educação, os sentimentos de alienação política, a idade, o sexo, o voluntarismo, o nível de urbanização. Eles são variáveis que medem e determinam o grau de participação dos cidadãos. A pesquisa destes autores, realizada no Brasil e que reflete pesquisas de opinião em outros contextos da América Latina, mostra que a maioria dos cidadãos não participa por apatia, cinismo, alienação e anomia.

No primeiro elemento, o cidadão não participa porque não se preocupa com a política, não tem interesse por ela e prefere abster-se. A apatia mostra a frustração do cidadão frente à política. E isto acontece com a maioria da população. Dessa forma, a minoria que realmente participa repassa ao Estado seus interesses e seus paradigmas. A maioria não está representada. O segundo elemento retrata a desconfiança e atitude de

¹²³ LAVADO (1997, p.364).

¹²⁴ Idem, p.276.

¹²⁵ BAQUERO; PRÁ (2007, p.158).

pessimismo frente a tudo. Tal posição situa em primeiro lugar as questões de ordem pessoal e privada do indivíduo. Quanto à alienação, ela é um elemento característico de sociedades empobrecidas e com elevado grau de exclusão. Ela pode gerar antagonismo e hostilidade. Sobre a anomia, os autores a pontuam como “um sentimento de perda de valores e de direção que leva os indivíduos a experimentarem um senso de ineficácia”.¹²⁶ Ineficácia associada ao sentimento de despreocupação das autoridades políticas frente ao bem-comum, assim, as desvalorizam e se desinteressam em participar politicamente.

As tiras criticam alguns hábitos humanos. Mafalda está sentada com Felipe na rua observando o movimento e conversando: “O papa está toda hora advertindo sobre o perigo de guerra mundial, mas ninguém registra. Francamente não entendo as pessoas.” Felipe responde: “É que as pessoas já estão habituadas a viver entre as frases do papa, ameaças de guerra e tudo isso, Mafalda. O homem é um animal de hábitos.” Passa um quadrinho sem fala e Mafalda responde: “E será que de hábito o homem não é um animal?”¹²⁷ Noutra tira Mafalda caminha sorridente pela rua e vai até uma banca de revista e pergunta ao dono se tem revista com figurinha de animais ao que ele responde não. Mafalda fica olhando os noticiários expostos dos jornais que apresentam manchetes assim: “O crime do policial; escândalo no campo (de futebol); militar agride negro; boxeador mata no *ring*... Mafalda olha para o dono da banca e diz: “Mentiroso!”¹²⁸

Noutras tiras Mafalda se dedica a criticar o trabalho extenuante a que as pessoas têm de se submeter. Sentada com Susanita na calçada da rua ela diz: “Você acha que fazer limpeza o dia inteiro é viver, Susanita?” Ela responde: “Porque não? Minha bisavó nunca fez outra coisa e tem oitenta e três anos, o que você diz disso?” Mafalda responde: “Se viver é durar, prefiro uma canção dos Beatles a um long-play da Boston Pop.”¹²⁹ Noutra tira aparece um trabalhador sentando no banco de uma praça e com o seguinte balão de pensamento: “Ufa!... Maldito trabalho! Vou descansar um pouco aqui.” No próximo quadrinho, Mafalda aparece conversando com Felipe o que segue: “Venha ver Felipe, coitada das formigas!... Trabalhando sem parar a vida inteira e para quê? Para ter filhos-formigas, que por sua vez, se extenuarão trabalhando a vida int...”

¹²⁶ BAQUERO; PRÁ (2007, p.158).

¹²⁷ LAVADO (1997, p.174).

¹²⁸ Idem, p.196.

¹²⁹ Idem, p.228.

A fala é interrompida pelo trabalhador que sai correndo e chorando. Mafalda e Felipe ficam olhando sem entender e Mafalda fala: “Tem gente que é tão estranha não é?”¹³⁰

Consoante à representação da ditadura militar é expressiva a tira na qual Felipe vai à casa de Mafalda e a convida para brincar com uma arma na mão: “Se você não tem outros planos, vamos à praça brincar de atirar?” Mafalda está com um livro na mão: “Estava pensando em ficar vendo o *Maravilhoso Mundo que nos Cerca* (título do livro que ela segura). No próximo quadrinho ela diz: “Mas tudo bem! Vamos nos inserir na realidade.” Aparecem os dois saindo de costas e cada um com uma arma na mão.¹³¹ Mais uma tira significativa, Mafalda caminhando com Felipe na rua, dobram a esquina onde ela vê uma farmácia. Felipe continua caminhando e ela entra no estabelecimento e fala: “Bom dia, moço. Pode me dizer se saiu alguma vacina contra o mau caráter?” No próximo quadrinho aparecem os dois caminhando e com ar de frustração: “A ciência ainda tem muitas lacunas para preencher Felipe, muitas lacunas.”¹³²

As exposições acima são uma reflexão sobre comportamentos e valores humanos que estão diretamente ligadas à apolítica, à não-cidadania ou à “idiotia”, termo grego que indica a ausência de cidadania. Os interesses particulares, as guerras, a necessidade de acumulação ilimitada, a competição desenfreada têm desenhado um conjunto de relações doentias. Elas não representam interesses de uma coletividade, não cimentam cidadania. A violência, desemprego, falta de ética, desonestidade, falta de compromisso do Estado com sua sociedade tem legado exemplos que ferem os princípios humanos de dignidade e solidariedade. Se o Estado é autoritário, em quem se espelhar? Se as autoridades públicas não efetivam políticas públicas que atendam satisfatoriamente as demandas sociais, a sociedade não se sente responsável nem consequente.

Quando a política e as relações humanas vão mal a ponto de existir guerras como a do Vietnã, verbaliza Mafalda, dá vontade de pedir numa ortopedia “muletas para o ânimo”¹³³. Para Mafalda, num contexto tão antagônico como o de guerras, as pessoas se habitam a viver ou a conviver com ela, quer dizer, com o dissenso humano e a irracionalidade frente a isso. Acerca disso, a Turma da Mafalda levanta um conjunto

¹³⁰ LAVADO (1997, p.237).

¹³¹ Idem, p.232.

¹³² Idem, p.183.

¹³³ Idem, p.173.

de questionamentos significativos para pensar as relações humanas hoje. Apontam que sempre haverá luta enquanto somente os interesses de alguns forem representados nas instâncias de decisões políticas Interrogam.

Por que a humanidade faz heróis em alguns contextos e em outros não? É em função da cultura e do momento político e social? Por que acontece a apatia? Ela é fruto do trabalho extenuante também? Fruto do descrédito nas instituições? Por que a sensação que a humanidade caminha para trás? Por que a humanidade parece estar perdida ou confusa em suas ações? Falta organização, conhecimento, unidade, amplitude, contemplação, preparo, solidariedade, vontade? Independente de quem seja a culpa, por que existe a violência? As pessoas serem baleadas em guerras políticas e econômicas faz sentido para quem? Os seres humanos têm um inquilino dentro de si que limita as ações ruins. Uns o chamam de consciência. A TV forma, informa e deforma, ela é um instrumento que serve a interesses das elites econômicas e políticas. A humanidade está com calvice de idéias. Há males que estão grisalhos, tanto tempo faz que estão vivos entre os humanos. Na humanidade há poucas vagas ou não há mais vagas para ser mal. A pureza de sentimentos pode mudar muita coisa. As pessoas sofrem e não dizem nada porque são conformistas? O solo é produtor de pessimistas. Se o leite amamenta o corpo, a arte o espírito humano, o que alimenta a mente? A TV? Aos animais cabe o papel de serem animais, aos seres humanos, o papel de serem advogados, funcionários públicos, torneiros mecânicos, ou seja, o papel de serem superiores... As formigas há milhares de anos fazem as mesmas coisas e estão satisfeitas, os seres humanos têm muita tecnologia, muita ciência, muita evolução e cada vez mais confusão... A moral anda no chão. Hoje a vida moderna tem poluição, moradias reduzidas, flores artificiais, relacionamentos por interesse. Mafalda pergunta-se por que não mudamos as estruturas e só remendamos as peças (Figura 10).



Figura 10: Soluções simples e difíceis

Fonte: LAVADO (1997, p.312).

Quando os jogos de interesse são sempre privados, não há como ter bondade. Como pensar em ser mais que ter se nesta sociedade quem não tem sequer é alguma coisa? A humanidade ainda não tem clareza sobre qual é o seu papel na sociedade, por isso repete o que as elites determinam. É normal hoje na humanidade: cansaço, intranqüilidade, preocupação, nervosismo, desequilíbrio, ansiedade.

g) Mundo, Cotidiano e Problemas Sociais

Esta categoria analítica mescla todas as anteriores refletindo, em bloco, a concepção de mundo da Turma da Mafalda, o cotidiano aprisionador e uma variedade de problemas sociais latentes, recorrentes e ainda sem solução. Fica o questionamento da Turma.

A professora ensina numa cartilha que não fala da realidade, portanto, desinteressante e alienante. As senhoras casadas encontram-se para tomar chá e falar futilidades.¹³⁴ Algumas mulheres desejam casar, ter filhos, ter bens e depois netos. Mafalda questiona que isto pensado somente nesta lógica não é vida, é fluxograma.¹³⁵ Mafalda traça uma crítica às mulheres que vêm a vida através do bob, ou seja, conformar-se com uma vida de fotonovelas, bailes, clube de bairro, casamento, limpar a

¹³⁴ LAVADO (1997, p.213).

¹³⁵ Idem, p.26.

casa e envelhecer. “Estamos no mundo para trabalhar e nos amar para fazer um mundo melhor”¹³⁶, diz a mãe. Mafalda toma esta fala da mãe como um senso elevado de humor. Se não existissem armas nucleares seria sinal de liberdade, saber que a vida ou estar vivo depende de cada um.¹³⁷ Quando no natal se canta noite de paz e noite de amor, será que todo mundo entende?¹³⁸ Será que para mudar o mundo precisamos enxergá-lo de maneira diferente? As notícias a respeito do mundo são sempre ruins segundo as tiras cômicas. No mundo, primeiro foi inventada forma de matar rápido (a metralhadora 1861) que uma forma de escrever rápido (a máquina de escrever 1868). A Organização das Nações Unidas (ONU) permitiu a países grandes massacrar os pequenos. Por que a escola não explica as divisões entre russos e chineses, árabes e israelenses, pretos e brancos?¹³⁹ Por que a ONU não é eficaz, por que não promove o desarmamento? A menina Liberdade acredita que para melhorar o mundo é muito simples basta diminuir ou acabar com a desigualdade social. Mafalda diz que precisamos romper as estruturas e depois saber o que fazer com os pedaços. Mas, mudar o mundo enquanto se tem ilusão e o mundo não mudou a gente¹⁴⁰. Afinal, há mais gente apontando problemas que propondo soluções. A terra tem sabor de conflito¹⁴¹.

O mundo está doente. Esta charge mostra o que Carvalho denomina de motivo edênico, a partir do que a cultura cívica é substituída por manifestações de ufanismo responsáveis por enaltecer a primazia de belezas naturais e figuras divinas em detrimento de noções como cidadania e democracia (Figura 11).

¹³⁶ LAVADO (1997, p.79).

¹³⁷ Idem, p.116.

¹³⁸ Idem, p.128.

¹³⁹ Idem, p.207.

¹⁴⁰ Idem, p.391.

¹⁴¹ Idem, p.404.



Figura 11: Criações da humanidade

Fonte: LAVADO (1997, p.139).

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O presente capítulo objetiva analisar e interpretar os dados discutindo-os em três etapas a saber: na primeira, a ação é a aproximação dos conceitos de consciente coletivo e opinião pública, apontando que o conjunto de idéias, valores e crenças coletivas configuram opinião geral. Na próxima etapa, o debate direciona a análise para a socialização política do imaginário coletivo e da opinião pública através das tiras cômicas e sua ação na cultura política. Na terceira etapa são elencadas as ponderações sobre cidadania e democracia pela tiras da Turma da Mafalda.

4.1 CONSCIENTE COLETIVO E OPINIÃO PÚBLICA

A análise da formação da opinião pública atravessa algumas técnicas específicas como as desenvolvidas por Lazarsfeld e Berelson ou Bardin, antes mencionadas e que correspondem à análise de conteúdo. Neste tipo de investigação, vários podem ser os fatores a concorrer para a compreensão da constituição da opinião pública. Augras pontua três: os fatores psicológicos, os sociológicos e os circunstanciais. A estes se acrescenta os elementos políticos. Cada um destes níveis de análise focaria, respectivamente, o individual, questões de cunho histórico e social e chegaria ao nível político. Para o trabalho em questão, a ênfase centrou-se na percepção política.

O consciente coletivo do cidadão aqui é tomado como expressão da opinião pública refletida nas tiras cômicas, em correspondência com estudiosos que o pontuam como um conjunto de idéias e condutas que extrapolam a dimensão individual. Isso por considerarem a existência de crenças e sentimentos comuns entre os membros de uma sociedade. O consciente coletivo seria, assim, expressão da opinião que é pública. Opinião esta inserida necessariamente num contexto social e econômico. Realidade justificável diante da impossibilidade de separar o fator econômico dos demais, até porque uma pessoa pode pertencer a mais de um nível social no decorrer de sua

existência e manter atitudes e pensamentos característicos de sua condição econômica de origem.

Os fatores que dizem respeito às características da região onde se vive, podem influenciar atitudes e opiniões. A família de Mafalda vive de certa forma de maneira alienada devido, entre outros motivos, à correria dos grandes centros urbanos, à condição de busca da sobrevivência, à falta de qualificação profissional dos pais, enfim, a vários fatores sociais e econômicos. O ambiente com suas influências demográficas, climáticas, de oportunidade ou limites geográficos, leva à determinada compreensão coletiva da realidade, quer dizer, ao consciente coletivo, à opinião. Ao lado disso, a opinião também pode ser influenciada pelo comportamento de grupos estudantis, sindicais, religiosos, partidários e de movimentos sociais e feministas. Com efeito, quanto maior for seu pertencimento ou envolvimento com questões referentes à permanência, consolidação ou sobrevivência do grupo, mais este pode interferir na opinião de um indivíduo. Para o que, o contexto histórico também contribui. Por seu turno, regimes políticos, descobertas científicas e tecnológicas, assim como o aparecimento ou o desaparecimento de lideranças, também podem criar, afetar ou alterar a opinião pública.

Se a opinião pública for enfocada como expressão de uma provável maioria de um universo a respeito de determinado fenômeno social, como pontuado no capítulo dois deste trabalho, é crível argumentar que ela coincide com a média das crenças e sentimentos de um povo, o que se denomina de consciente coletivo. Nas tiras da Mafalda, é perceptível serem elas expressão de uma condição coletiva que é propagada pelas famílias da Turma. São personagens fictícios detentores de uma condição social nada abastada economicamente e que sentem os efeitos da política. Vivem alegrias, mazelas, medos, esperança, desencanto, conformismo, mas agem com persistência. Os personagens representaram situações fictícias, mas parte de um cotidiano sócio-político real que estimula questionar o governo, atitudes políticas e as atitudes da sociedade, refletindo um padrão de cultura política que extrapola a condição espacial e temporal vivenciada pelos personagens de Quino. O autor socializa um imaginário social que é político e, uma vez expresso nas tiras é consumido significativamente em vários países, trazendo implicações sociais. Faz quem as leu pensar sobre a sua condição social e sobre os perigos do conformismo, do aceitar tudo como está ou como é dado.

4.2 SOCIALIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO POLÍTICO CRIADOR DE CULTURA POLÍTICA

A socialização do imaginário coletivo e da opinião pública, que acontece por meio das tiras cômicas, ratifica a cultura política local e coloca sob suspeita o modelo de democracia vigente no Brasil e na América Latina. Embora se reconheça os avanços da democracia institucional, no seu desenho e estrutura, ou seja, as pessoas votam, o processo eleitoral concorre para um aperfeiçoamento que limita fraudes e irregularidades no registro da opinião pública, há ausências quando se fala do conteúdo desta democracia. Os graves problemas sociais colaboram para a manutenção de valores, comportamentos e opiniões de descrédito e desconfiança dos cidadãos em relação às instituições políticas. A Mafalda, como coloca o próprio Quino, infelizmente é atual porque em sua crítica demonstra que muitos modelos perversos de ação política governamental se mantêm. A atitude do cidadão também se mantém sem avanços significativos rumo a uma participação mais crítica e efetiva.

Considerando que as tiras cômicas da Mafalda servem para socializar um consciente coletivo, que coincide com a opinião pública, e que isto tanto demonstra uma cultura política como a ratifica, a figura 12 aponta a lógica relacional dos conceitos usados no presente trabalho. Nesse sentido, as tiras refletem cenários de representação política e que são influenciadas pelos conceitos como: consciente coletivo, opinião pública, socialização política e cultura política, fazendo uma lógica que se volta a várias direções.

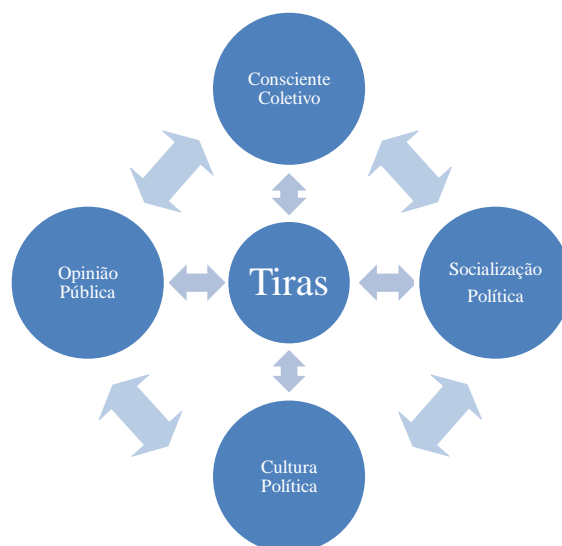


Figura 12: Cenário de representação política na mídia

Fonte: Elaboração própria.

Vale dizer que as tiras da Mafalda, como mídia de alcance local, a princípio, e internacional pela compilação do *Toda Mafalda*, socializaram ou transmitiram informações, valores, crenças que registram, constituem e criam cultura política. A cultura política, por sua vez, demonstra o tipo de comportamento dos agregados, dos cidadãos em determinadas sociedades. Ela é resultado de um consciente coletivo ou do conjunto dos sentimentos políticos dos cidadãos que expressam opinião pública.

4.3 PONDERAÇÕES SOBRE CIDADANIA E DEMOCRACIA PELAS TIRAS DA MAFALDA

Das correntes de estudos sobre a democracia contemporânea, o debate na Ciência Política tem se dividido entre institucionalistas e culturalistas. Como demarcado no início deste trabalho, para os primeiros, cujo foco são as organizações do Estado, estender a democracia para além de sua estrutura ou desenho institucional pode levar à impotência administrativa. Segundo Cremonese¹⁴² Weber e Schumpeter advogam esta posição. Em contrapartida, culturalistas ou participacionistas acreditam que o

¹⁴² CREMONESE (2008, p. 160).

desenvolvimento do Estado está diretamente relacionado à ingerência e participação da cidadania nas decisões que dizem respeito ao bem-comum, portanto, participando da gestão pública. No debate sobre a democracia e a cidadania contemporâneas, o trabalho ora desenvolvido aponta para abordagens que incluem a opinião pública e o envolvimento do cidadão na construção efetiva da democracia. Assim, embora se entenda a relevância das análises voltadas à arquitetura institucional, não custa reiterar aqui não ser este o foco do presente trabalho.

Nas tiras cômicas da Mafalda, individualismo e liberdade são pontuados em várias das categorias analíticas antes apresentadas. Uma das categorias analíticas avaliadas e que faz menção ao individualismo refere-se ao *capitalismo e consumismo*. Neste título, as tiras pontuam que o consumismo vem em detrimento de questões políticas, sociais e culturais. Ponderam que a cidadania fica enfraquecida se não há foco no coletivo. Um modelo de comportamento egocêntrico na Turma é a Susanita. Ela só pensa em casar, ter filhos e conquistar muito dinheiro. Odeia os pobres e reflexões sobre o mundo e os problemas sociais. Manolito também é outro ícone individualista e capitalista. Ser dono de uma grande rede de supermercado é seu objetivo de vida. Os pais de Mafalda mostram uma cultura política de passividade.

Sem informação, sem participação e sem contestação o cidadão distancia-se da política. Este distanciamento pode ser por desconhecimento; por desconfiança ou descrédito; por falta de mecanismos institucionais efetivos de participação política. O cidadão não pode fazer um juízo do que desconhece, assim, a informação é fundamental. Tanto o cidadão precisa saber o que é público e quais políticas estão acontecendo como o Estado precisa estar informado sobre as demandas sociais. Neste sentido, pontua-se a mídia como detentora de um papel político importante na interface cidadão-Estado. Desconfiança não gera cultura cívica. Se o Estado não é transparente, se não há *accountability* (controle democrático e responsabilidade das autoridades em prestar contas de seus atos públicos) também não há cidadania. O Estado precisa pensar sua engenharia institucional a partir do conteúdo das demandas sociais, pela expressão mais fiel da opinião pública. Uma opinião não apenas eleitoral.

Quando se fala em liberdade, condição fundamental numa democracia, as tiras ponderam sobre as amarras do cotidiano. Nas amarras estão: o trabalho extenuante do pai da Mafalda e outros personagens anônimos; a possibilidade de votar em elites pré-

determinadas, ou seja, só se pode votar no que está dado; as limitações de consumo pela desigualdade social; mídia com conteúdo alienante; miséria e fome; poder ilimitado de elites como dirigentes de empresas, líderes políticos e chefes militares; coerção e censura; falta de informação social e política relevante e isenta; falta de participação; ordem social programada e determinada pelo Estado. Tais ponderações deixam claro que a liberdade não se estabelece num contexto assim. A personagem homônima aparece sempre muito pequena, insatisfeita com o mundo e desejando revolução e mudança. Nestas tiras, cidadania e democracia nem são citados porque não correspondem à conjuntura ali desenhada.

Igualmente é necessário lembrar que a construção da democracia foi difícil mesmo quando finda a ditadura militar. Assim, as noções de democracia e cidadania não chegam a compor efetivamente o cenário político latino-americano. Em países como o Brasil:

a democracia poliárquica, [...] descrita pelo cientista político Robert Dahl (eleições livres, partidos políticos consolidados, Congresso Nacional autônomo), não garantiu avanços significativos e a democracia social (igualdade étnica, emprego, saúde, lazer, moradia...) ainda é utopia para milhões de brasileiros. Prevalece apenas uma democracia eleitoral sobre a democracia social (cidadã).¹⁴³

Portanto, os fatos demonstram que democracia não se circunscreve a processos eleitorais e que necessita da confiança dos concidadãos na política para se fundamentar. Entrementes, inquéritos de opinião costumam registrar a desconfiança das pessoas nas instituições políticas e em seus representantes; precisamente naquelas sociedades onde a cidadania é incipiente e nas quais “predominam a exclusão social e econômica, a desigualdade social e a violência difusa”.¹⁴⁴ Nesse sentido, altos graus de descrédito tendem a ser debitados aos políticos e às estruturas políticas pela opinião pública.

Considerando a relevância da opinião pública nesta conjuntura é possível inferir que os cenários de representação expressos nas tiras cômicas refletem o imaginário coletivo e, desta forma, constituem, formatam ou elaboram opinião e, ao mesmo tempo, expressam e consolidam cultura política. No Brasil, estudiosos que relacionaram

¹⁴³ CREMONESE (2008, p.169).

¹⁴⁴ Idem.

democracia, cidadania e opinião pública, como Carvalho, advertem que as práticas sociais e políticas aparecem entre os motivos de vergonha de ser brasileiro e não nos de orgulho, estes remetidos às belezas naturais do país, que ele denomina de motivo edênico. Advoga Carvalho¹⁴⁵ que conforme pesquisas de opinião pública os motivos dessa vergonha são as instituições, o governo e a política, em específico, por não atenderem os problemas sociais que deles dependem.

Nesses termos, como saber o que está mal na democracia e na cidadania? Um dos caminhos talvez seja partir da realidade, averiguando os efeitos na população das políticas públicas, ações de governo, leis e projetos de leis etc. Um bom instrumento de contato entre a população e o governo, como colocado acima, pode ser a mídia. Se esta cobrir muito mais, por exemplo, questões sociais e as propostas dos políticos, quiçá o cidadão tenha mais elementos para posicionar-se. Advoga a jornalista e pesquisadora da Intervozes (Coletivo Brasil de Comunicação Social), Beatriz Barbosa.¹⁴⁶

Os governantes não estão acostumados a debater políticas públicas. Se o jornal não apresenta as propostas dos políticos, o cidadão não tem condições de cobrar dos candidatos eleitos. O jornalismo tem o papel de formação da cidadania, pois é por meio das informações que reivindicamos políticas efetivas em todos os setores sociais.¹⁴⁷

As tiras cômicas, como meio de comunicação de massa, denotam ter um papel revestido de crítica transformadora ou, no mínimo, questionador da cultura política em cada categoria analítica do material empírico. Na primeira delas, intitulada *alienação do cotidiano*, as ponderações são: o mundo adulto demonstra uma cultura de passividade, antagonismo e resignação por parte dos cidadãos. Mostra um regime que mantém crenças e valores políticos de distanciamento do cidadão da política. As tiras da Mafalda pontuam ausência de participação por parte do mundo adulto pela alienação do cotidiano, pelo trabalho extenuante, pela falta de confiança na relação entre Estado e sociedade. Falta de pró-atividade tanto do cidadão na interferência propositiva junto às decisões públicas quanto falta de pró-atividade por parte do Estado de propor novos mecanismos de aferição da opinião pública e da vontade geral para além do voto, apenas eleitoral. Nota-se o cidadão como colonizado que sofre as mazelas de sua

¹⁴⁵ CARVALHO (1998, p. 43).

¹⁴⁶ BARBOSA (*apud* CASOTTI, 2008). Jornalista e pesquisadora da Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social.

¹⁴⁷ *Idem*, p.1.

condição de internalizar valores dos colonizadores. Indivíduos que querem ser consumidores em potencial e não se sentem responsáveis politicamente. A vida social em detrimento de um projeto social. Uma vida de aquisições e realizações materiais para si e para a família.

Tal pensamento é corroborado pela ação da mídia, principalmente a TV, diante da qual o tempo das pessoas é tomado e onde estilos de vida, consumo e pensamento são concomitantemente manipulados. A forma como se vê e representa o mundo está muito ligada aos reclames comerciais e programas da mídia. E se o *agenda setting* e *framing* não privilegiarem a integração do Estado com a sociedade via informações consistentes e relevantes sobre políticas públicas e demandas sociais, o campo das idéias fica limitado por uma representação da realidade que pode estar atendendo a interesses das elites que comandam e desenham a arquitetura dos programas, temas e comerciais veiculados na mídia. Estar alienado é impeditivo de uma ação positiva no sentido de assumir compromissos sociais na luta pelo bem-comum.

Na categoria analítica intitulada *Capitalismo e Consumismo*, a dinâmica capitalista funciona em detrimento das questões que dizem respeito ao coletivo. A ordem estabelecida pela acumulação ilimitada, a competição, a propriedade privada cria obstáculos à igualdade. Sem igualdade não há liberdade plena, nem democracia plena. E com individualismo não há cidadania. Há um conjunto de relações sociais pautadas numa estrutura de poder que institui comportamentos, costumes, cultura. Estrutura que conta com agentes de decisão associados para controlar a sociedade e cimentar relações sociais pré-determinadas, sejam eles: das elites políticas, econômicas e militares. Estas elites mantêm as instituições. E para criar mudança, precisa da transformação institucional, não apenas a social.

Na categoria *Classes Sociais e Classe Média*, a realidade econômica que decorre da desigualdade social liberal é classista, ou seja, de distinção social baseada na capacidade econômica de aquisição de bens materiais. A classe média vive uma realidade de trabalho extenuante e com pouco desfrute. A cidadania moderna inclui como direitos naturais a vida, a propriedade e a liberdade, mas não desenhou sua efetividade, sua concretização. Nesse sentido, a cidadania está comprometida quando se reivindica o direito de consumir e não o de ser cidadão. Dividida em castas por renda, educação, gênero ou cor a sociedade identifica-se e se consolida como desigual.

Em *Democracia e Ditadura*, a primeira é tomada em sua compreensão social como sinônimo de antiautoritarismo e tal entendimento é muito simplista como definição e abrangência. A democracia necessita ter a representação dos mais diversos setores da sociedade a fim de realizar a inclusão econômica, social e de direitos, onde o desenho institucional coincida com a realidade social. Tal fato destoa da regulação da lei por uma oligarquia ou vontade pessoal daqueles que ocupam o poder. A democracia não pode ser uma sucessão de concessão de benefícios outorgada por poderosos a fim de aparentar crescimento social e econômico via construção de obras públicas. Se as decisões ficam circunscritas às regras de poder a cidadania se esvazia de sentido e participação por estar alheia ou fora dos processos decisórios. Assim, informação, organização e participação podem ser tidas como sinônimos de cidadania que gera democracia.

Governo e Política são categorias analíticas onde as ponderações sobre cidadania e democracia limitam-se ao entendimento da Turma da Mafalda. Para ela um governo é forte pelo uso ou a ameaça do uso da força militar (as vitaminas para um governo forte são militares, cacetetes e camburões). Polícia, exércitos e prisões são instrumentos de poder sob os quais estão apoiados governos dependendo do regime e intenções. Entretanto, o consenso é que legitima as ações institucionais e políticas públicas. Nas tiras há a sugestão que um bom governo é medido pela quantidade de obras públicas realizadas, pela qualificação de seus agentes, pela pró-atividade. Um caminho seria o adotar acordos negociados com benefícios mútuos. Governo com consenso significa uma cultura política participativa, o que não é o retrato extraído das tiras cômicas da Mafalda. A lentidão nas soluções de problemas sociais também traz descontentamento, desconfiança e descrédito, sustando o desenvolvimento de uma cultura cívica.

Em se concordando com a assertiva da literatura de que na política deve residir a responsabilidade pelo bem comum, que deve agregar interesses coletivos e gerar legitimidade, ela não pode ser vista como uma construção da ordem social apenas via agentes do Estado sob pena de ferir a relação Estado-sociedade. A Turma da Mafalda parece colocar os personagens numa ordem social pré-estabelecida e não agregadora de soluções mais amplas que envolvam de várias maneiras e de forma mais ampla a opinião pública. Uma ordem social produzida por todos os atores sociais e respondendo a dinâmicas internas e externas como paz, meio ambiente, globalização.

Se o Estado encena um espetáculo onde a empresa teatral tem o papel de divertir, iludir e desviar o foco dos interesses sociais dos cidadãos, a cidadania perde o sentido tanto quanto esmorece a democracia. Traz uma imagem de inércia, conformidade e descrédito onde a mídia tem o papel de agente, ajudando a construir a opinião pública tanto quanto é construída por ela. Para mudar esta imagem construída de imaginário coletivo cabe um desafio, o de transformar a forma como o povo, ou opinião pública, enxerga a política e as instituições no que se refere à sua participação. Mudar a forma como é desenhada e pensada coletivamente a política. Desafio maior ainda é agregar a esta outras mudanças como a institucional, por parte das elites do poder e a social, ou cultural/comportamental.

O grau de depreciação por parte da sociedade, a desaprovação e o descrédito em relação às instituições políticas está diretamente relacionado ao grau de descontrole dos processos sociais, por parte do Estado, não atendimento às demandas, nem oferta de segurança aos cidadãos.

Quanto à categoria analítica que leva o título de *Humanidade*, a Turma da Mafalda desenha-a politicamente como esvaziada de cultura cívica. Segundo a análise das tiras, alguns motivos concorrem para tal fenômeno social: a falta de informação do cidadão; a baixa escolaridade; a falta de empenho público em criar políticas de ampliação da participação popular; falta de interesse, desconfiança, pessimismo; interesses pessoais acima dos sociais; situação de pobreza e exclusão; sentimento social que o Estado é ineficaz; morosidade e desinteresse das autoridades políticas frente ao bem-comum. As tiras cômicas apontam para a ausência de cidadania fruto do comportamento humano de falta de ética, relações de interesse, violência, desemprego, desonestidade, pela ausência de um projeto institucional público, responsável e conseqüente. Projeto este que aprimore a relação Estado/sociedade visando ampliar as relações transnacionais em direção à responsabilidade social, ambiental, política, física, mental, científica...

A Turma da Mafalda cumpriu este papel ao ser símbolo mítico de uma América Latina apreensiva por liberdade de escolhas culturais e sociais, por dignidade econômica, por revolução de costumes femininos e ansiosa por liberdade de expressão. Ela ajuda a construir cidadania não só por questionar padrões de comportamento estabelecidos, mas na proposição de novos. Mesmo atualmente, Mafalda continua

protestando e formatando comportamentos há muito estabelecidos. O último desenho de Quino publicado em outubro do corrente ano como resposta a uma atitude do primeiro ministro italiano Sílvio Berlusconi reflete um caso internacional de repúdio feminino. Quino enviou uma tira protesto ao diário italiano *La Repubblica* com Mafalda repetindo a frase da dirigente opositora de centro esquerda e militante católica Rosi Bindi a Berlusconi. “Eu não sou uma mulher a sua disposição.” A adesão da jovem argentina Mafalda causou sensação, não só porque o diário a publicou grande em uma dupla página, mas porque ela ratificou a indignação de milhares de mulheres em todo mundo. Berlusconi em debate televisivo com Rosi diz a ela: “Você é mais bela que inteligente. Não me interessa o que diz.” Mais de 100 mil mulheres italianas protestaram a fala do estadista que percebendo a extensão de sua falha pede desculpas a Rosi dizendo que só havia dito “um chiste de largo consumo”. Nova fala que foi condenada por Rosi dizendo que não aceitava as desculpas e que o fato dele dizer “ser de largo consumo” só piorava a situação uma vez que isto significaria dizer que todos pensam o mesmo. Uma tira na mídia atual cumprindo o papel social de repúdio a comportamentos políticos abusivos. Mafalda, no ano de 2009, cumprindo uma agenda política importante para o movimento feminista.

Sabe-se que a agenda de temas veiculados pela mídia nem sempre diz respeito às questões sociais e econômicas de interesse realmente público e que se os meios de comunicação pautassem estas questões, não ficaria tão assimétrica a luta política pelo bem comum. No plano ideal é função de ferramentas como o *agenda-setting* e o *framing* agendarem os assuntos apontados pela opinião pública e enquadrarem ou destacarem no noticiário assuntos de interesse coletivo visando sua solução.

As tiras cômicas sinalizaram ponderações de cidadania e democracia que foram bem vistas, pois bem consumidas (compradas) e este trabalho tratou de dar visibilidade no sentido de captar o sentimento de quem é população, povo e propor caminhos às instituições públicas e políticas. Se a maioria das tiras cômicas considera insatisfatórias as instituições que devem garantir o exercício da cidadania, pondera-se também que o que se tem à mão é uma cidadania restrita e não plena. Pondera-se ainda que a democracia formal, constituída institucionalmente, não é garantia de uma democracia de fato se os direitos dos cidadãos não forem plenos ou representativos.

Estas questões, fundamentadas na ordem civil, encontram ressonância no texto de José Murilo de Carvalho, *O Motivo Edênico no Imaginário Social Brasileiro*¹⁴⁸. Nele o autor busca não só documentar a vitalidade da presença do motivo edênico hoje no Brasil como sugerir que esta visão de paraíso nacional está fortemente presente, na atualidade em função da visão negativa do povo sobre si mesmo e sobre as instituições políticas. Os motivos de orgulho de ser brasileiro estão fortemente ligados a um modelo de visão do país como natureza (belezas naturais, fertilidade do solo, ausência de terremoto, ausência de furacão...) e não como uma construção humana (sua sociedade, sua política...). Carvalho sustenta que nas pesquisas realizadas nacionalmente sobre este tema (e que foram base de seu artigo) não aparecem, entre as características de motivo de orgulho de ser brasileiro, “as instituições políticas do país, os três poderes, o sistema representativo etc., como aparecem em geral em países de tradição democrática.” E isto provoca ao mesmo tempo

surpresa e preocupação. Como é que 174 anos após a independência, os brasileiros ainda não conseguem encontrar razões para seu orgulho patriótico que tenham a ver com conquistas nacionais e não com fatores sobre os quais não têm controle?¹⁴⁹

O que dizer de mudanças políticas significativas no Brasil como a redemocratização e o impeachment? Segundo Carvalho, elas não aparecem como motivo de orgulho nacional, o brasileiro, nesta pesquisa tem uma imagem de si como “sofredor, trabalhador, alegre, conformado” o que é um paradoxo singelo e triste, pois, se por um lado o brasileiro usa a alegria para enfrentar as desgraças, “do ponto de vista político e cívico, é a própria definição do não-cidadão, do súdito que sofre, conformado e alegre, as decisões do soberano.”¹⁵⁰ Neste sentido, a cultura política brasileira, especificamente, aponta para o desencantamento e apatia do cidadão que se desconstitui como elemento fundamental no processo político de demandas e efetivação do bem-comum. O conceito de cultura política traz uma característica psicocultural central para o bom funcionamento da democracia que é a confiança. Como pode um regime político democrático sobreviver sem a confiança da maioria de seus cidadãos? Como é possível

¹⁴⁸ CARVALHO (1998, p. 27).

¹⁴⁹ Idem, p. 30.

¹⁵⁰ Idem, p. 36.

ser cidadão consciente e efetivo (participativo) se não se confia nas instituições políticas?

Segundo Baquero e Prá, “não por acaso a literatura na Ciência Política mais recente tem institucionalizado o tratamento de títulos tais como: desafeto, apatia, desencanto, hostilidade e resignação em relação à política”¹⁵¹ e a frustração dos cidadãos unida à “naturalização histórica da corrupção”¹⁵² tem levado à ratificação do não-cidadão no sentido daquilo que José Murilo de Carvalho aponta como uma “cultura desvinculada do político, e até mesmo do civil, voltada para o mundo doméstico”.¹⁵³ Os brasileiros têm confiança em suas relações domésticas e primárias, não na coisa pública e como não participam, não se sentem responsáveis por questões que dizem respeito ao bem-comum e nem pelas mazelas que sofrem.

Nas palavras de Carvalho, o povo

não se vê como agente direto nem indireto da política. Não se enquadra na democracia antiga nem na moderna. Desse modo, só lhe restam as belezas naturais cada vez mais destruídas por ele próprio. No dia em que lhe faltarem as belezas, o último refúgio talvez seja o samba e o futebol.¹⁵⁴

Segundo a Turma da Mafalda, o mundo tomará jeito quando, fundamentalmente, não for mal governado. Os personagens demonstram que o país continua com os problemas sociais enquanto dormem os projetos de governo e tal situação agrava mais as dificuldades que a sociedade enfrenta. Eles citam a possibilidade de existir uma universidade para políticos onde os mesmos pudessem conquistar qualificação e preparo possível ao ofício de governar um país. Quanto aos políticos a Turma pondera que: ou falta qualificação ou sobra má intenção. Mafalda advoga várias vezes que um dos caminhos seria ao invés de remendar as peças, mudar as estruturas ou quem governa mal precisa tirar férias para o mundo melhorar.

¹⁵¹ BAQUERO; PRÁ (2007, p. 165).

¹⁵² Idem, p.11.

¹⁵³ CARVALHO (1998, p. 40).

¹⁵⁴ Idem, p. 43

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou associar mídia e opinião pública por meio da leitura das tiras cômicas de Quino sobre a Turma da Mafalda, objetivando apontar ponderações sobre cidadania e democracia e contribuir para o debate do tema no âmbito da ciência política. Debate a envolver a busca de mecanismos capazes de promover uma relação mais legítima entre Estado e sociedade vale dizer, onde todos e todas se sintam responsáveis pelo processo de construção do bem-comum. Valores presentes nas reflexões de Mafalda quando propõe a existência de uma cultura cívica, atribuindo a devida importância à coletividade na formulação dessa cultura. Idealismo, talvez. Ocorre que este momento para países como o Brasil e outros países da América Latina pode ser adequado para retomar antigas utopias e criar novas.

Nesse marco, o empreendimento proposto nesta dissertação seguiu o caminho tradicional de elaboração de trabalhos científicos, definindo o que pesquisar no seu tempo e espaço, esclarecendo por que se optou pelo estudo das tiras cômicas elaboradas pelo cartunista Quino sobre a Turma da Mafalda e como isto seria feito. A definição de conceitos, seguida da exposição da metodologia, de um estudo descritivo das tiras e da análise e interpretação do conteúdo destas, possibilita agora apresentar as considerações finais do trabalho.

Pelo exame do material empírico foram definidas as suas categorias analíticas, agrupadas em temas como: a alienação do cotidiano vivida pelos personagens fictícios da Turma da Mafalda; o contexto produtivo-econômico de capitalismo e o consumismo; as condições de classe social; os regimes de governo e suas implicações; as ações de governo e o significado da política; a humanidade com suas fraquezas e potencialidades; a engenharia do cotidiano no mundo e os problemas sociais crônicos como guerras, conflitos raciais, miséria. A abordagem dos cenários de representação formulados nesses contextos permitiu ponderar a respeito de vários elementos conjunturais e comportamentais aí presentes, a luz da literatura da ciência política e de estudos de áreas afins.

Quando se fala acerca do passado recente da América Latina ou no contexto extemporâneo das tiras cômicas da Mafalda, é possível captar algumas razões para as dificuldades na constituição da cidadania e da democracia no continente. Estas razões podem ser buscadas na sua herança histórica. O tipo de colonização dos países latino-americanos contribuiu para a formação de um Estado no qual se tem cidadãos com pouco ou nenhum direito e uma concentração de poder nas mãos das denominadas elites dominantes.

A colonização tradicional, de exploração das riquezas naturais, do cultivo de produtos tropicais, do uso de mão-de-obra escrava, de manutenção do latifúndio como esfera controladora da economia, acabou gerando deliberações políticas pautadas por posturas autoritárias e repressoras. Tal cenário colaborou para a ausência de cidadania e para o autoritarismo do poder público. A literatura das áreas humanas, em larga escala, coincide em assinalar que não pode haver cidadania sem direitos, nem com escravidão. Esse contexto forja lutas pela independência e repúblicas nascentes nos vários países da América Latina. O mesmo cenário, instituiu o jugo de caudilhos militares e de oligarquias urbanas e rurais, excluindo da participação a maior parte de suas populações.

Na esfera comportamental ou da cultura política cumpre assinalar que a formação da identidade entre as pessoas e a instauração de uma nação está fortemente relacionada à cidadania. É ela que consolida o Estado-nação, enquanto a transparência na relação sociedade-Estado garante cidadania e democracia. A falta de participação política, somada a uma crise de representatividade, à desconfiança dos cidadãos nas instituições políticas e nos políticos, leva ao constrangimento democrático. Consoante a essa realidade, a cidadania enfraquece quando os indivíduos passam a sentir-se menos cidadãos e mais consumidores, quando estão em condição marginal ou são excluídos da sociedade por motivos políticos, econômicos, étnicos ou culturais.

Quino se orientou por essa realidade e com as tiras cômicas da Turma da Mafalda dimensionou problemas sociais latentes do cotidiano argentino para expressar valores, relações humanas, idéias, costumes, sentimentos, que nem sempre coincidem com a dualidade: estrutura do cotidiano e vontade geral. O cartunista levantou questionamentos sobre poder, política e governo, sugerindo que estes ainda não estão

suficientemente sustentados pela vontade da maioria e que, desta maneira, não configuram democracia.

Por meio das manifestações de Mafalda e seu grupo, Quino propõe reflexões sobre problemas relacionados à humanidade, ao consumo, à democracia e à política, numa perspectiva de interação irônica, bem humorada e participativa. A autonomia e o imaginário social da personagem Mafalda não impede que ela o compartilhe com a sua Turma e trace inferências ativamente no contexto político e sociocultural a que faz referência e extemporaneamente.

Entretanto, a democracia não se resume a um conjunto de mecanismos institucionais, de direitos assegurados, mas requer também cidadãos integrados a este contexto. Vale dizer, sua luta por liberdade e garantias sociais e políticas. Uma luta que, ao mesmo tempo, crie espaços institucionais e confirme a ação de um Estado democrático de fato. Uma luta que configure cultura política democrática. Uma luta que acople democracia e cidadania como instâncias que se necessitam e são complementares entre si. Sem dúvida o desafio da democracia é produzir e manter uma cultura política plural e responsável. Plural no sentido de inclusão dos diversos interesses da maioria e o Estado criando mecanismos para reunir e respaldar a vontade geral. E responsável de acordo com o significado atribuído por Carvalho¹⁵⁵ quando pontua como cidadão: aquele que conhece, participa, interage e sente-se responsável pelas coisas que acontecem no país.

Consoante com este pensamento é crível que “a democracia não existe sem o reconhecimento da diversidade de crenças, origens, opiniões e projetos.”¹⁵⁶ Então, captar e expressar a opinião pública torna-se primordial para tal feito. A opinião pública emana de várias circunstâncias: voto, mídia, movimentos sociais, manifestações públicas, enfim, da sociedade civil organizada. Mas como pode ser efetivamente representada? Como pode gerar política pública? Como pode ser consciente no sentido da responsabilidade dos cidadãos em representar os interesses da maioria? Que procedimentos o Estado deve adotar para chegar ao ideal de democracia?

¹⁵⁵ CARVALHO (1998).

¹⁵⁶ TOURAINE (1996, p.18).

As tiras cômicas mostraram que existe uma relação direta entre mídia e opinião pública. O próprio Lasswell¹⁵⁷, em seus estudos sobre as motivações das duas grandes guerras mundiais, pelas influências da mídia, concluiu que quanto menor for o vínculo social sólido entre os indivíduos de uma sociedade, maior será a influência da mídia de massa. Por suas pesquisas, a mídia é capaz de convencer de maneira concreta a opinião pública e ainda submeter vontades de massa quando usa apelos emocionais. A metodologia de análise de conteúdo ajudou a revelar a fecunda subjetividade das tiras da Mafalda por seu potencial crítico e político. Uma tarefa árdua, paciente e saborosa de desocultação das mensagens como contribuição aos estudos na área de ciência política.

O formato específico de quadrinhos seqüenciais que compõem as tiras cômicas da Mafalda, o uso de cartum e de desenhos realistas serve para agradar o leitor e gerar identificação. Como esclarece McCloud¹⁵⁸ todo desenhista “sabe que um indicador infalível de envolvimento do público é o grau em que este se identifica com os personagens da história”. Durante os períodos autoritários na América Latina, a mídia foi transformando-se num significativo agente social de oposição ao regime, a imprensa alternativa cumpria bem este papel. A postura irreverente e bem humorada trouxe o tempero para prender leitores, influenciar mudanças de costumes e denunciar a vida política local e mundial.

O contexto das tiras revelou o potencial do uso da análise política como ferramenta para captar elementos de formação da opinião pública e, também, referentes ao registro e à mudança de valores. A análise das críticas formuladas nas tiras contribuiu para ponderar sobre cidadania e democracia pela escrita apropriada de um segmento social que não faz parte da elite. Segmento cheio de condicionantes de limitação participativa, mas com esperança, com opinião. As tiras representam um esforço esmerado de levantar dúvidas sobre a essência do Estado, dos governos e da política. Dúvidas sobre a postura da humanidade frente aos acontecimentos locais e globais. Um esforço que questiona Estado e sociedade na sua relação. Que põe à luz os simulacros sociais colaborando com elementos importantes de transformação social.

Pelo exposto, é possível argumentar que as duas questões de pesquisa levantadas para orientar a elaboração deste trabalho foram pelo menos parcialmente contempladas.

¹⁵⁷ LASSWELL (*apud* AMADO, 2000).

¹⁵⁸ McCLOUD (2005).

A análise das tiras evidencia que o cenário de representação política inscrito nos conteúdos das mensagens das tiras cômicas da Turma da Mafalda aponta sugestões de mudança política através da alteração de valores sociais e cultura política. Ao lado disso, é também evidente que este mesmo cenário sugere a institucionalização de outras práticas por parte das instituições políticas. Também é possível argumentar que foram capturadas e examinadas as tiras cômicas no seu teor político, pontuando sentimentos coletivos e legitimados sobre as várias esferas do poder e das políticas públicas, ponderando, através desta outra fonte de conhecimento político, contribuições ao processo político democrático. Tal esforço serviu para contemplar os objetivos do trabalho.

O trabalho conferenciou ponderações de cidadania e democracia por meio de uma mídia lúdica e de alcance extemporâneo. Desenvolveu um ponto de vista fundamentado na literatura da ciência política, abrindo a possibilidade para que futuros estudos desenvolvam investigações mais aprofundadas sobre o assunto. Essas características da Mafalda merecem ser refletidas como as de uma representante do contexto atual da América Latina. E isso como uma das primeiras manifestações da “nova comunicação intercultural de que se tem notícia e que, por ser composta de tiras quadrinizadas, ainda não recebeu a devida importância, apesar de sua repercussão e reconhecimento mundial”¹⁵⁹.

Mafalda continua protestando e inferindo sobre seu contexto sócio-político como demonstra a figura 13 abaixo.



Figura 13: Mafalda e um mundo melhor

Fonte: LAVADO (1997, p.333).

¹⁵⁹ RADHE; PASE (2005, p.9).

Desta feita, registre-se uma vontade-desafio de um mundo com “liberdade, justiça e todas essas coisas” que somadas definem o que na prática pode ser a cidadania e a democracia independente do Estado a que se pertence.

“La force est la reine du monde et non pas l’opinion, mais l’opinion est celle qui use de la force.”

*BLAISE PASCAL*¹⁶⁰

¿Se puede llegar a modificar algo con el humor?

*- No, no lo creo. Pero ayuda. Es el pequeño granito de arena que uno puede aportar para modificar las cosas.*¹⁶¹

¹⁶⁰ AUGRAS (1970, p, 5).

¹⁶¹ Entrevista com Quino disponível em:

http://mafalda.dreamers.com/Entrevista/entrevista_con_quino.htm. Consultado em: 01/11/2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLPORT, Gordon. W.; POSTMAN, Leo. *Psicologia Del Rumor*. Buenos Ayres: Psiquê. 1953.
- ALMOND, Gabriel A.; VERBA, Sidney. *The Civic Culture; political attitudes and democracy in five nations. USA/Canadá: Little, Brown and Company*. 1965.
- AMADO, João da Silva. A Técnica de Análise de Conteúdo. Revista *Referência*, Lisboa, n. 5, p.53 a 63 nov. 2000.
- ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI*. São Paulo: Boitempo Editoria. 2008.
- AUGRAS, Monique. *Opinião Pública: teoria e pesquisa*. Petrópolis: Vozes. 1970.
- AZEVEDO, Domingos Sávio Campos de. *Como Ocorre a Materialização Discursiva da Identidade Gaúcha nas Charges: um estudo discursivo da determinação histórica dos processos semânticos dos Jornais Correio do Povo e Zero Hora*. 2007. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2007.
- BAQUERO, Marcello. Dossiê Cultura Política, Democracia e Capital Social. *Revista Sociologia Política*, p. 7-11, Curitiba, Nov. 2003.
- BAQUERO, Marcello; PRÁ, Jussara Reis. Cultura Política e Cidadania no Brasil: uma análise longitudinal. *Estudos Leopoldenses*. V.28, p.87-110. 1992.
- _____. *A Democracia Brasileira e a Cultura Política no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2007.
- BAQUERO, Marcello; CASTRO, Henrique Carlos de O. A erosão das bases democráticas: um estudo de cultura política. In: BAQUERO, Marcello (org.). *Condicionantes da Consolidação Democrática: ética, mídia e cultura política*. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS, p. 11-40. 1996.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70. 1977.
- BAVA, Sílvio Caccia. *A Força e a Fraqueza da Cidadania*. Maio 2000. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/cidadania/forcafraquezacidadania.html>> Consultado em 13 nov.2009.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1995.
- BOURDIEU, P. A Opinião Pública não Existe. In *Questões de Sociologia*. São Paulo: Marco Zero, p. 173-182. 1983.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 57, n.5, p.611-4, set/out.2004.
- CARUSO, Paulo. De O Pasquim à Avenida Brasil. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v.3, n.9, p.78-84, maio/ago. 1997.
- CARVALHO, José Murilo de. *O Motivo Edênico no Imaginário Social Brasileiro*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Anpocs, v.13, n.38, p.63-79, out/dez.1998.

- _____. *Cidadania no Brasil: longo caminho*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002.
- _____. *Cidadania: tipos de percurso*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. n. 18. 1996.
- CASOTTI, João. *O Desafio de Abordar Políticas Públicas na Grande Mídia*. 2008. Disponível em: <www.nosdacomunicacao.com/panorama_interna.asp?panorama=116&tipo=R> Consultado em: 02 out. 2009.
- CASTORIADIS, Cornelius. *Figuras de lo Pensable*. Buenos Aires: FCE. 2005.
- CREMONESE, Dejalma. *Teoria Política*. Ijuí: Editora Unijuí. 2008.
- DAHL, Robert. *Poliarquia*. São Paulo: Edusp. 1997.
- FERNANDES, Amanda Simões; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. Entre lágrimas e Risadas: O Ensino do Período Médici Através das Charges D'O Pasquim. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v.13, n. 2, p. 263-276, jul./dez. 2007.
- FRASER, Nancy. Rethinking the Public Sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy. In: CALHOUN, Craig. *Habermas and the Public Sphere*. 2ed, England: The MIT. 1993.
- HABERMAS, Jurgen. *Teoria de la Acción Comunicativa*. Barcelona: Península. 1985.
- _____. *Historia y Critica de La Opinión Pública*, Barcelona: Gustavo Gili. 1994.
- HELD, David. *Modelos de Democracia*. Madrid: Alianza. 1992.
- INGLEHART, R. *Modernization and Posmodernization. Cultural, economic and political change in 43 societies*. Princenton: Princenton University Press. 1997.
- LAVADO, Joaquim Salvador (QUINO). *Toda a Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes. 1997.
- LECHNER, Norbert. Os Novos Perfis da Política: um esboço. *Revista Lua Nova*, São Paulo: n.62. 2004.
- LIMA, Venício A. de. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2001.
- _____. Cenários de Representação Política, CR-P. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (Org.). *Comunicação e Política*. São Paulo: Ed. Unesp, 2004. p. 9-40
- LIMA FILHO, João de Souza. *O Enquadramento da Notícia: o caso Lunus*. 2003. (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Brasília. 2003.
- MALTA, Marcio José Melo. *Jeca na Careta – Charges e Identidade Nacional*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Programa de Pós-graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2007.
- McCLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: M. Books do Brasil. 2005.
- MILLS, C. W. *A Elite do Poder*. Rio de Janeiro: Zahar. 1975.
- MOISÉS, José Álvaro. *Os Brasileiros e a Democracia, Bases Sócio-Políticas da Legitimidade Democrática*. São Paulo: Ática. 1995.
- OLIVEIRA, Geisa Fernandes D'. Cultura em Quadrinhos: reflexões sobre as histórias em quadrinhos na perspectiva dos estudos culturais. *ALCEU: Revista*, Rio de Janeiro, v.4, n.8, p.78-93, jan./jun. 2004.
- PADILHA, Miguel Angel Taroncher. *Periodists y Prensa Semanal in El Golpe Del Estado Del 28 de Junio de 1966: la caída de Illia y la revolución argentina*. Tese de Doutorado. Universitat de Valencia. 2004.

PLATÃO. *A República*. Lisboa:Fundação Calouste Gulbenkian. 1993.

PRÁ, Jussara Reis; BAQUERO, Marcello. A emergência de uma nova cultura política: gênero e eleições no Brasil. *Cadernos de Ciência Política*. Série Pré-edições, n.12. Porto Alegre: Universidade/UFRGS. 1998.

PRÁ, Jussara Reis. (Re) socializar é preciso: aportes para uma releitura sobre gênero e juventude no Brasil. In: BAQUERO, Marcello (Org.). *Democracia, juventude e capital social no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. P. 79-119. 2004.

RAHDE, Maria Furtado; PASE, André Fagundes. O Imaginário em Mafalda Numa Prospecção Pós-Moderna. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, INTERCOM, 28.,2005, Rio de Janeiro: UERJ. 2005. Trabalho apresentado no NP n° 16 – Histórias em Quadrinhos.

SARTORI, Giovanni. *Homo videns: televisão e pós-pensamento*. Bauru: Edusc. 2001.

SHWARTZENBERG, Roger-Gérard. *O Estado Espetáculo*. São Paulo: Círculo do Livro. 1977.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *Sentidos do Humor, Traçaças da Razão: a charge*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa. 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas. 1992.

TOURAINÉ, Alain. *O que é a Democracia?*Petrópolis: Vozes. 1996.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *As Aventuras da Família Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2005.